

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 3 a 9 de junho de 1960

Nº 66

Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr.

Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Sexta-Feira às 19 hs. na UNE
Homenagem do Povo Carioca
ao Presidente de Cuba

Texto na 7ª pág. do 1º cad.



Um Agente Dos Trustes no Ministério da Fazenda SEBASTIÃO APÓIA JÂNIO E SABOTA A PETROBRÁS

POR QUE o sr. Sebastião Paes de Almeida, ministro da Fazenda, apóia Jânio Quadros e financia com recursos do Estado a candidatura entreguista? Paes de Almeida está com Jânio porque é também um agente dos trustes norte-americanos, um inimigo da luta do povo brasileiro pela emancipação nacional. Testa-de-ferro da «Pittsburgh Glass», o ministro da Fazenda serve de instrumento aos magnatas ianques contra a indústria nacional do vidro plano. Advogado da «Hanna», tudo faz para entregar aos monopolistas americanos o nosso minério de ferro. Fazendo o jogo da Standard Oil, procura estrangular a Petrobrás, negando-lhe recursos que é obrigado a dar, embora seja tão pródigo, em oferecer bilhões aos cabos eleitorais de Jânio. A sua demissão é por isso exigida em em todo o país. (Ler reportagem na primeira página do segundo caderno).



33 fatos demonstram a política de guerra dos Estados Unidos

A PROPAGANDA capitalista vem acusando a União Soviética de ter eliminado o «espírito de Camp David» e impedido a possibilidade de se realizar a coexistência pacífica. NOVOS RUMOS apresenta hoje a seus leitores uma lista parcial dos atos agressivos praticados pelos Estados Unidos contra os países socialistas e a paz mundial depois da visita de Krushchov aos EUA, dentro da política de guerra fria. Na 11ª pág. do 2º cad.

Hanna quer ferro brasileiro

FSTA em pleno curso a batalha contra a entrega de ricos jazidos de ferro do país ao poderoso truste norte-americano «Hanna Co.». Em reportagem que vai publicada na segunda página do segundo caderno, os leitores encontrarão interessantes revelações sobre as manobras empreendidas pela «Hanna» para enterrar suas afiadas garras no subsolo brasileiro, bem como das figuras que se colocaram a serviço desse truste.

O que é que há com a Terra?

É A PERGUNTA feita por Robert Lechena, que, em reportagem exclusiva no Brasil para NOVOS RUMOS, (8ª pág., 1º cad.) procura dar uma série de informações aos leitores a respeito dos terremotos, maremotos e outras catástrofes que abalam as costas ocidentais das Américas e o Japão. Baseando-se nas informações dos especialistas na matéria, o repórter chega à conclusão de que é muito pouco o que se sabe sobre esses abalos.

Dia de protesto foi mesmo pra valer

TRES grandes atos públicos encerraram na noite de 31 o Dia de Protesto Contra a Carestia, promovido pelas entidades sindicais cariocas, com o apoio dos estudantes e do funcionalismo. O Movimento empolgou o povo da Guanabara. Milhares de trabalhadores e donas-de-casa concentraram-se no Sindicato dos Textéis, onde foi promovida a maior manifestação. Na foto, aspecto da assistência presente ao ato. Leia na 4ª pág. do 1º cad.

Prestes Faz Autocrítica

TEXTO NA 4ª PÁGINA



-O menino te adora Sam...
Apareça sempre. A casa é sua...

Cuba: Doce e Amarga

ORLANDO BOMFIM JR.

DIZIA o poeta que Cuba era doce por fora e amarga por dentro. Na base econômica da monocultura da cana se apoiavam a exploração feudal e o domínio imperialista. A prosperidade dos monopólios se fazia à custa dos sofrimentos do povo. E o açúcar exportado era o produto doce de um trabalho amargo.

HOJE, outra é a situação. A pequena ilha continua, é verdade, amargando. Mas, invertendo a imagem, pode-se dizer que ela agora é doce por dentro e amarga por fora. O povo cubano soube, de armas na mão, golpear os inimigos internos e externos. A derrubada de Batista não teve o caráter de um golpe para simples substituição de homens no poder. Da revolução surgiu um poder novo, nacional e democrático, que dá a terra aos camponeses e arrebatou as cadeias do domínio norte-americano. Tio Sam sofre, naturalmente, o amargor da derrota.

PARA todos os povos, particularmente os latino-americanos, a vitória de Cuba tem o sentido de uma vitória comum. Porque comum é o inimigo que foi derrotado. E também corresponde a um sinal dos tempos. Mostra que já vai pertencendo ao passado a época em que o «colosso do norte» dispunha de nossos países como feitor todo-poderoso, capaz de impor seu domínio com a maior desenvoltura, sufocando, muitas vezes através de simples expedições punitivas, a vontade dos povos.

DESDE os primeiros momentos, o povo brasileiro compreendeu o significado da revolução cubana. O feito dos homens de Fidel Castro foi saudado com o calor com que irmãos compartilham a mesma

alegria. E nosso povo compreendeu também que a luta não terminava após a derrubada de Batista, mas entrava numa nova fase, não menos difícil, pois a política de gangsters do Departamento de Estado norte-americano havia de lançar mão de todos os recursos para tentar reconquistar a presa perdida. Daí ser necessário empenhar-se num movimento de ativa solidariedade ao povo cubano. E isso tendo exatamente em vista os interesses nacionais do Brasil.

FSTARÁ o governo do sr. Juscelino Kubitschek interpretando, em suas atitudes frente ao governo revolucionário cubano, os sentimentos do povo brasileiro? A recusa, por exemplo, a participar de Conferência dos Países subdesenvolvidos autoriza uma resposta negativa. E chegou a colocar o presidente da República na incômoda posição de quem é surpreendido agindo em flagrante contradição consigo próprio. Por que o certo é que perde todo sentido qualquer afirmação, por mais enfática que seja, de luta para libertar nosso país do atraso e da dependência econômica, quando se deixa de participar de uma iniciativa concreta que visa a unir esforços com esse objetivo.

O BRASIL está recebendo a visita do presidente de Cuba, sr. Osvaldo Dorticos, que se faz acompanhar de uma comitiva numerosa e expressiva. O povo brasileiro aproveitará, sem dúvida, a oportunidade para manifestar mais uma vez seu apoio ao valente povo cubano e a decisão de manter acesa a vigilância contra as manobras intervencionistas dos Estados Unidos. E a oportunidade é também válida para que se faça sentir ao governo que esse caminho, e não outro, deve ser por ele seguido.



Eles Prometeram Unir

Os dirigentes das confederações dos trabalhadores na indústria, comércio e transporte terrestre comprometeram-se com os líderes sindicais fluminenses a enviar esforços para que se proceda a um encontro entre a CIOSL, ORIT e a FSM, visando ao estabelecimento da unidade do movimento sindical internacional. Esse compromisso foi assumido pelos srs. Deocleciano de Holanda Cavalcanti, presidente da CNTI; Ângelo Parmigiani, presidente da CNTC; e Avelino Gomes de Castro, representante do presidente da CNTT. Os

dirigentes dessas entidades comprometeram-se ainda a convidar todas as entidades sindicais internacionais de cúpula, inclusive a FSM e a CIOSL, a enviarem seus representantes ao II Congresso Sindical dos Trabalhadores do Brasil, convocado para 11 de agosto vindouro. Essas declarações foram feitas na reunião que o Conselho Sindical Fluminense promoveu na última sexta-feira, em Niterói, para debater a nota lançada pelas três confederações, no dia 1º de maio. A reunião contou com a participação de cerca de 70 líderes sindicais fluminenses. A nota, que deu

motivo a convocação da reunião, foi mais uma vez repudiada pelos representantes dos trabalhadores do Estado do Rio, embora os srs. Ângelo Parmigiani e Deocleciano de Holanda Cavalcanti procurassem justificá-la. Na foto, um aspecto da reunião realizada no Sindicato dos Rodoviários de Niterói, vendo-se o sr. Ângelo Parmigiani, presidente da CNTC; Deocleciano de Holanda Cavalcanti, presidente da CNTI; Daniel Soares, tesoureiro da CNTI; e Avelino Gomes de Castro, representando o presidente da CNTT.

CONSELHO RECUSA AS CONTAS DE SADOK

JK Sabe Das Negociatas Mas Mantém Enos no IAPB

O Conselho Fiscal do IAPB rejeitou, por sete votos contra um, as contas do presidente do IAPB, sr. Enos Sadok de Sá Motta, referente ao exercício de 1959.

Esse fato revela as crescentes irregularidades que vêm ocorrendo na administração do IAPB, com pleno conhecimento do presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek, e das demais autoridades, que mantém o sr. Enos Sadok na presidência do Instituto apesar das reiteradas manifestações de

protesto dos bancários de todo o Brasil. Desde 1958 que o atual presidente do IAPB vem tendo as suas contas recusadas pelo Conselho Fiscal. Entretanto, protegido diretamente pelo presidente JK, e escorado pelo Conselho de Segurança Nacional, o atual presidente do IAPB continua desafiando todos os princípios de organização e decência administrativa, dirigindo, como bem entende uma instituição que arrecada anualmente mais de quatro bilhões de cruzeiros.

Negociata

O conselheiro Gil de Magalhães denunciou, em seu relatório, uma verdadeira orgia de despesas, feita com o dinheiro dos bancários. Despesas aparecem nas contas do sr. Enos Sadok sem os respectivos comprovantes. Dentre elas situa-se o gasto de mais de cinco milhões de cruzeiros, sob o título de despesa com publicidade, mas cujos processos não foram enviados ao Conselho, apesar de insistentes diligências nesse sentido.

Na série de irregularidades ocorridas no exercício financeiro do IAPB, em 1959, denunciados no relatório, salienta-se a referente ao processo de adjudicação de serviços que o Instituto contratou com a «CONTORG». Cita o relatório: «Em 4 de março de 1959, por sugestão do Departamento de Atualização e Estatística, o Presidente do Instituto, sem que tivesse havido concorrência pública, assinou contrato, no valor de Cr\$ 5.799.600,00, com a firma «CONTORG» — Auditoria Contabilidade e Organização, para a execução de serviços de implantação da matrícula dos associados no Cadastro Mecanográfico, apuração da arrecadação referente aos exercícios de 1957, 1958 e 1959 a registro nas contas correntes dos contribuintes.»

Novos golpes

Mas a ilegalidade não ficou aí. «No dia 20 do mesmo mês, continua o relatório, foi firmado um termo aditivo ao contrato referido, pelo qual o Instituto se obrigou ao pagamento de mais Cr\$ 3.600.000,00 a «CONTORG», para que esta aumentasse o número de funcionários a disposição do Departamento de Benefícios.»

Os contratos legais foram se sucedendo. Em 25 de setembro, de 1959, denuncia o conselheiro Gil de Magalhães, a Presidente do IAPB firmou um novo acordo com a «CONTORG», desta vez no valor de Cr\$ 3.133.200,00 para que a mesma fizesse o levantamento dos trabalhos do Registro de Contribuições relativos aos exercícios de 1955 e 1956 com os trabalhos que vem realizando referentes aos exercícios de 1957, 1958 e 1959. Por este contrato o Instituto assumiu ainda a responsabilidade de indenizar a contratado pelo valor de Cr\$ 1.290.000,00 correspondente às despesas com o material que fosse utilizado, mas que não está devidamente especificado no contrato.

Concluindo que a adjudicação de tais serviços não podia ser efetuada sem concorrência pública, conforme de-

TRABALHADORES DE TODO O PAÍS REUNIR-SE-ÃO EM AGOSTO

Convocado o Congresso Sindical

As entidades sindicais de todo o país estão voltadas para os atos preparatórios do III Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, que se realizará a partir do dia 11 de agosto próximo. O local de reunião do importante conclave ainda não foi decidido, mas aguarda-se uma solução ainda nesta semana.

Nota de convocação

Convocando o Congresso foi distribuída à imprensa a seguinte comunicação:

«Os dirigentes das Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais não confederados, dando cumprimento ao honroso mandato que, unanimemente, lhes conferiram os participantes da II CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL, realizada em 20, 21 e 22 de novembro de 1959, no Rio de Janeiro, COMUNICAM a todos os trabalhadores e organizações sindicais do Brasil, que o Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores será realizado a partir de 11 de agosto vindouro.

Os objetivos desse grande conclave são os seguintes:

- 1 — Examinar e resolver quanto às condições econômicas dos trabalhadores;
- 2 — Examinar a remuneração salarial atual face ao custo de vida e resolver sobre as formas mais convenientes de acordos e contratos salariais;
- 3 — Examinar e decidir quanto às reformas, modificações, melhorias e

democratização das leis sociais e trabalhistas, principalmente, no tocante à estrutura sindical vigente;

- 4 — Examinar sobre o processo que garante a maior participação e atuação dos trabalhadores e suas organizações na luta em prol da emancipação econômica e política do País;
- 5 — Examinar a situação dos trabalhadores do campo, suas reivindicações, sua organização e decidir quanto à ajuda e solidariedade que lhes devem prestar os trabalhadores das cidades e dos centros industriais;
- 6 — Examinar e deliberar quanto ao caráter das relações do movimento sindical brasileiro com os trabalhadores e organizações sindicais de outros países, e;
- 7 — Examinar e resolver sobre a forma mais adequada de coordenar as forças dos trabalhadores, garantindo sua unidade na luta pela consecução de suas reivindicações, defesa dos direitos adquiridos e obtenção de novas conquistas.

Com esses objetivos estão sendo elaborados o teor e as normas regimentais do Congresso, que serão

enviados dentro de poucos dias a todas as organizações sindicais.

A partir desta comunicação todas as organizações dos trabalhadores do campo, devem considerar-se convocados e, desde já, tomarem todas as medidas para os debates e discussões nos sindicatos e locais de trabalho, a fim de que o Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores de 1960, seja um acontecimento da maior relevância na vida da classe trabalhadora e de todo o Brasil.

Avante pela unidade e organização dos trabalhadores do Brasil, no Congresso Sindical Nacional de 11 de agosto de 1960!

Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, 25 de maio de 1960.

DEOCLECIANO DE HOLANDA CAVALCANTI — CNTI; ÂNGELO PARMIGIANI — CNTC; MÁRIO LOPES DE OLIVEIRA — CNTTT; HUBERTO MEZES PINHEIRO — CONTEC; FELIPE RAMOS RODRIGUES — Fed. Nac. Partidários; WALDIR GOMES DOS SANTOS — Fed. Nac. Marítimos; OSWALDO PACHECO DA SILVA — Fed. Nac. Estivadores; ERNESTO C. FONSECA — Sind. Nac. Aeronautas; OTHON CANEDO LOPES — Sind. Nac. Aeraviários.»



Ele assinou

Huberto Pinheiro, presidente da CONTEC, é um dos signatários do manifesto de convocação do III Congresso Sindical Nacional. A sua opinião é que o Conclave deve se realizar no Estado da Guanabara.

Defende Teu Direito

Insalubridade — A taxa de insalubridade, nos termos da jurisprudência ora vencedora neste Tribunal Superior, é devida independentemente do salário percebido pelo trabalhador, mas será calculada sobre o mínimo legal, na forma do art. 79 da Consolidação das Leis do Trabalho, Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 1.311/57), Relator: Oscar Saraiva.

A taxa de insalubridade deve recair sobre o mínimo salarial e não sobre o salário contratual. Toda interpretação que concorra para melhorar a indústria insalubre, para que esta seja atenuada, seja suprimida, é, fora de dúvida e mais desejada, porque faz coincidir a qualidade da lei com o alto interesse individual e social, Ac. TST — Pleno (Proc. 3.502/51), Relator: Gadoy Iba.

O empregador só está obrigado ao pagamento do adicional de insalubridade se constar a atividade respectiva do quadro organizado pelo Ministério do Trabalho, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 180/59), Relator: Amaro Barreto, D.J., 27-11-1959, pág. 3.833.

Impede a reclamação de adicional de insalubridade formulada por empregado que já percebeu salário superior à soma do mínimo e da taxa, Ac. STF, 1ª Turma Rec. ext. 10.738, Relator: Cândido Mota Filho.

Justa Causa — O empregador não está obrigado a advertir o seu empregado, colhido em falta grave, antes de dispensá-lo. Nenhuma lei faz tal exigência, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.441/58), Relator: Geraldo Guimarães.

Justa é a dispensa do empregado que move campanha de descrédito contra o estabelecimento em que trabalha embora a falta do curso do aviso prévio, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 159/58), Relator: Mário Pereira.

Atitude do empregado recusando-se a prestar depoimento para apurar fatos de suma gravidade imputados a ele constitui justa causa para sua dispensa, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 246/57), Relator: Délio Maranhão.

Simples suposição não basta para caracterizar a justa causa, principalmente de quando envolve a idoneidade do empregado portador, aliás da mais reprovável conduta moral e funcional, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.501/58), Relator: Pires Chaves.

Constitui justa causa para a dispensa o prática de jogo de azar no estabelecimento, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 834/58), Relator: Délio Maranhão.

O profissional que, no desempenho de suas funções, dá prejuízo à empregadora, seja por negligência, desatenção ou desídia, enseja a dispensa sem indenização, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.208/56), Relator: Ferreira da Costa.

Comete falta grave o empregado que se recusa injustificadamente a prestar contas, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.604/58), Relator: Celso Lina.

A lei trabalhista, na enunciação da falta funcional, é apenas exemplificativa. Não deve a particularidade, somente ao juiz cabendo situá-la de conformidade com a sua natureza e gravidade, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 811/57), Relator: Pires Chaves.

Não comete falta o empregado que, reverendo a obrigação específica de instrução, recusa a tarefa de carregar e descarregar fardes, em caminhões, Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.700/58), Relator: Pires Chaves.

Nota Sindical

Nossas Relações Internacionais

Os documentos lançados pela CNTI, CNTC e CNTTT continuam sendo repudiados em meio a acessas discussões que se travam nas entidades sindicais de todo o país. A repulsa com que os trabalhadores se manifestam face ao teor faccioso e divisionista dos referidos documentos coloca na ordem do dia a solução de um problema de importância inestimável, que é o das relações internacionais do movimento sindical brasileiro.

As três Confederações, tanto no manifesto de 1º de maio como no outro, o rememorado, lançado nos últimos dias do mês passado, insistem em submeter-se, em nome dos brasileiros, à orientação divisionista da CIOSL (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres) e da ORIT (Organização Regional Inter-Americana dos Trabalhadores).

Mas as entidades sindicais de nosso país, através das decisões dos seus conclaves, das mais recentes manifestações dos trabalhadores da Guanabara, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e de outros Estados, opõem-se a essa submissão, ao mesmo tempo que reafirmam o seu propósito de contribuir para a unidade do movimento sindical no Continente e no mundo.

Outra não podia ser a conduta dos trabalhadores brasileiros, que vêm forjando a sua unidade através da luta por um programa comum de reivindicações, programa que a comunistas, trabalhistas, socialistas, católicos, protestantes e espíritas, em benefício dos superiores interesses das massas trabalhadoras Sabem, os nossos líderes sindicais, que a discriminação política, ideológica e religiosa entre os trabalhadores só serve à causa dos seus próprios exploradores.

Ora, quem tem consciência disso, e quem, como nós, realiza uma política de unidade dentro das nossas fronteiras, não pode, evidentemente, apressar nem defender outra linha de conduta nas relações internacionais que não seja a de aproximação, entendimento e unidade com as entidades sindicais dos trabalhadores de todo o mundo. Daí, a justa reação dos trabalhadores brasileiros à tentativa de submeterem as suas organizações a atual orientação da CIOSL e da ORIT.

É bom lembrarmos-nos que essas duas entidades surgiram como uma cunha desagregadora em 1919, procurando fazer saltar em pedaços a unidade que se processava em torno da Federação Sindical Mundial. Os imperialistas norte-americanos martelam sobre essa cunha até hoje, e martelam porque não conseguiram colocar a seu serviço o movimento sindical mundial. Aliás, uma das causas da cisão ocorrida em 1949, na FSM, foi o servilismo de alguns dirigentes sindicais norte-americanos, que tentaram colocar a FSM a serviço do Plano Marshall, em benefício dos monopolistas lanques. Como não conseguissem, desligaram-se e fundaram a sua própria entidade. Hoje, a FSM conta com 101 milhões de filiados nos cinco continentes, enquanto a CIOSL agrupa cerca de 50 milhões.

Os trabalhadores brasileiros, ao mesmo tempo que se reservam o direito de se filiarem a organização internacional que melhor reflita os seus anseios, pugnam por um entendimento entre a FSM e a CIOSL e pela unidade entre as duas organizações, à base de um programa comum de lutas. A fragmentação do movimento operário, tanto no âmbito nacional como internacional, opõe-se à consciência unitária dos trabalhadores brasileiros e aos interesses das massas laborosas de todo o mundo.

Nilson Azevedo

Calheiros Bomfim

Panorama Paes de Almeida, um Quinta-Coluna

A denúncia feita pelas forças nacionalistas, através da profª Edna Lott, acerca da posição política do ministro Sebastião Paes de Almeida pôs em evidência o fato de estar o setor entreguista do governo não apenas sabotando a candidatura Lott, mas apoiando — e até sustentando financeiramente — a candidatura de Jânio Quadros. Isso apesar de ser a oposição ao governo a bandeira sob a qual Jânio, Lacerda, Juarez, Pena Boto e demais lanterneiros realizam a sua campanha eleitoral. Confirma-se com esse exemplo aquilo que os comunistas vêm há muito tempo apontando: contra os interesses do Brasil e a luta pela sua emancipação unem-se os entreguistas de dentro e de fora do governo. É exatamente o que se vê agora: ministros de Estado protegem e financiam o candidato da oposição, por ser o candidato dos trustes norte-americanos, enquanto das fileiras do situacionismo levantam-se vozes exigindo do presidente da República o afastamento de alguns de seus auxiliares imediatos, por se colocarem contra a candidatura dos partidos oficiais, que é também a candidatura apoiada pelos nacionalistas. Jânio, portanto, não é só o candidato da oposição lanterna, mas também dos entreguistas do governo, particularmente do seu ministro da Fazenda.

Se antes essa quinta-coluna janista tinha ainda certas possibilidades de encobrir, com astuciosos ardil, suas atitudes e seus compromissos, agora, à medida que se aproximam as eleições isso vai se tornando cada vez mais difícil. A denúncia contra Paes de Almeida e a enorme repercussão que ela alcançou em todo o país mostram precisamente que já não é possível tolerar a permanência, em postos-chaves do governo, de inimigos declarados e atuantes do nacionalismo como o atual ministro da Fazenda. Inclusive porque não se trata apenas de que ele apóie em termos políticos o candidato da Embaixada americana. Trata-se já de que, como ministro da Fazenda, o janista Paes de Almeida carrega para o seu candidato, através de cabos eleitorais da mais refinada plutocracia paulista, bilhões de cruzeiros que deveriam ir para os cofres do Estado.

Os nacionalistas, que se reúnem firmemente em torno de Lott, não estão dispostos a admitir conciliações nesse terreno: o afastamento de entreguistas como Paes de Almeida é uma exigência que não pode mais ser protelada. É claro que isso não convém a reacionários e antilottistas como Armando Falcão que, segundo o noticiário de Brasília, tudo fez para impedir a divulgação do Manifesto em que o Movimento Nacionalista Lott-Jango, com o apoio de numerosos parlamentares, reafirma a denúncia da profª Edna Lott e se compromete a prosseguir tenazmente na luta pela demissão da quinta-coluna entreguista. Falcão procura, por todos os meios, evitar que o governo se depure dos elementos janistas e se lance num esforço sério para impulsionar a campanha de Lott e contribuir para levá-la à vitória. Durante meses seguidos, o ministro da Justiça não fez outra coisa senão sabotar a candidatura nacionalista, forjando todo tipo de fórmulas e esquemas a fim de cristianizar a chapa do ex-ministro da Guerra.

Quando se multiplica a atividade dos comitês populares pró-Lott e Jango e entre os partidos situacionistas surgem sinais de uma reativação da campanha — como demonstram as caravanas de parlamentares aos Estados e o apoio de deputados de diversas bancadas, inclusive os líderes do PSD e do PTB, ao discurso do sr. Almino Afonso na Câmara Federal — não pode mesmo ser mais admitida a existência no seio do governo de inimigos da candidatura Lott e agentes dos monopólios norte-americanos, como o ministro Sebastião Paes de Almeida, que tão prodigalmente distribui entre os cabos eleitorais de Jânio as gordas comissões de negócios feitos através do Ministério que absurdamente ainda ocupa.

Almir Matos

A Campanha "Bossa Nova" do Marechal

No começo da sua campanha, o Marechal Lott só lia os seus discursos, que o povo ouvia quase sempre calado, e sem entusiasmo. Ele começou então a deixar de lado o papel escrito, e conversar com o povo. O sucesso foi tão grande que ele agora não quer mais saber de discurso escrito, e perdeu toda pretensão a ser orador da Academia. Fala sempre em tom de conversa, dialogando com populares, ilustrando suas idéias com exemplos de sua experiência pessoal, não tendo medo das palavras e, muito menos, das perguntas. O povo gosta, porque assim pode conhecer melhor o candidato, e melhor julgá-lo. Eis algumas frases do Marechal Lott, em seu "new look":

Em Apucarana, no Paraná, num comício diante de cinco mil pessoas:

«You fazer uma charada. O que é que anda da direita para a esquerda e da esquerda para a direita?»

Vozes populares responderam: «É o Jânio!»

«Pois aí está a resposta; lembrem-se disso em três de outubro...»

Em Rolândia, também no Paraná, referindo-se a Carlos Lacerda, que o chamara de «burro»:

«Tirei primeiro lugar em todos os cursos do Exército e se fosse burro não teria feito o movimento de 11 de novembro, e eles ainda hoje estariam no poder...»

Em Jacaré, referindo-se a Fernando Ferrari:

«As minhas mãos são limpas, mas não são de almadinha...»

Em São José dos Campos.

«O sr. Jânio Quadros pretende substituir a bandeira da Petrobrás na exploração do petróleo brasileiro por uma outra bandeira cujo nome começa com E, termina com O e tem no meio SS.»



Prestes explica o apoio a Lott

LOTT FALA SOBRE PRESTES E O APOIO DOS COMUNISTAS

Na entrevista que concedeu à imprensa paulista o marechal Teixeira Lott teve oportunidade de fazer referências à personalidade de Luiz Carlos Prestes. Inicialmente, afirmou: «Conheço-o desde que cursávamos os bancos do Colégio Militar. Eu mais velho e mais adiantado e ele, mais atrasado. Mais tarde, quando estudei engenharia militar, convivemos novamente, eu como oficial e ele como praça, ainda aluno. Posteriormente o sr. Luiz Carlos Prestes foi instrutor da Escola Militar do Itaipetingo e a maneira pela qual se conduziu foi tal que numerosos dos seus alunos daquele tempo deram a seus filhos o nome de Luiz Carlos. O sr. Luiz Carlos Prestes, além de ter sido um estudante excepcional, era um camarada admirável pelo cuidado, pela dedicação que dispensava aos companheiros menos favorecidos pela inteligência. Todos os que conviviam com ele sabem perfeita-

mente disso. Mais tarde, quando comandou aquela coluna de revolucionários que lhe trouxe o cognome de «Cavaleiro da Esperança», conseguiu uma proeza difícil de ser realizada: é que a coluna de revolucionários, isto é, de pessoas que estão fora do quadro legal, respeitava os direitos de propriedade e de honra alheia.» Depois disso, entretanto, Prestes tornou-se comunista, o que o Marechal Lott condenou, mas disse acreditar que se deve a Prestes a orientação não-violenta dos comunistas brasileiros.

Quando perguntado se lhe agradava o apoio que os comunistas lhe dão, o Marechal respondeu que «seria insincero se dissesse que não». Os comunistas segundo a Constituição são eleitores como quaisquer outros — disse, e acrescentou que apenas se nega a assinar qualquer acordo ou compromisso com os comunistas.

Cerca de mil pessoas assistiram ao comício promovido domingo último pelo Comitê Nacionalista Lott-Jango de Ipanema, na Praça General Osório. O ato contou com a presença de Prestes, que pronunciou um longo e muito aplaudido discurso, no qual explicou as razões pelas quais os comunistas apoiam o Marechal Lott, para as próximas eleições. Também falaram ao povo a jornalista Elza Ribeiro, representantes do Comitê Nacionalista e líderes sindicais.

— A "marcha da produção"

O que os jornais entreguistas mais estão lamentando é o episódio da «marcha da produção». Tomou este nome um movimento de cafeicultores paranaenses e paulistas, em 58, que queriam «marchar» para o Rio, e com isso assustar o Governo federal, arrancando deste maiores privilégios e subvenções, precisamente no momento em que a superprodução de

A simples leitura dos jornais, nesta última semana, mostra o sucesso da vigorosa ofensiva que o Marechal Lott está empreendendo em sua campanha nacionalista, através do país. Os principais órgãos dessa imprensa de aluguel — «O Globo», o «Correio da Manhã», o «Jornal do Brasil» e o «Estado de São Paulo» — estão publicando diariamente amargos comentários, em editoriais, sobre o «new look» do Marechal. Lamentam que o candidato nacionalista esteja adotando um «jogo bruto» na campanha eleitoral. Esperavam que a campanha transcorresse tranqüilamente, como uma disputa «entre cavalheiros», ou seja, sem que a demagogia e o entreguismo de Jânio fossem mostrados ao povo, e sem que a exploração imperialista fosse denunciada ao país — e eis que o Marechal Lott descamba para o esse terreno «perigoso» das denúncias.

café exigia do Governo uma política firme de supervisão das regalias de que goza este setor retrógrado da economia brasileira. O Governo fez, então, o que só deixaria de fazer se quisesse entrar em choque com todo o povo: ordenou que tropas do Exército sustentassem aquela infeliz marcha de parasitas. Na época, Jânio era Governador de São Paulo, e foi o primeiro a pedir a intervenção do Exército; e não teve depois uma só palavra para censurá-la.

Passados dois anos, contudo, o demagogo Jânio, em campanha eleitoral no norte do Paraná, procurava jogar sobre os ombros do ex-Ministro da Guerra a responsabilidade pela intervenção. Além disso, prometia aos cafeicultores a supressão do chamado «confisco cambial», que fora a palavra-de-ordem da «marcha da produção» e consistiu há vários anos a exigência básica do Fundo Monetário Internacional, como instrumento do imperialismo norte-americano, junto ao Governo brasileiro.

Mas o Marechal Lott não ficou calado. Revelou à imprensa e em comícios que Jânio, logo que sobe a «marcha da produção», em 58 corra ao telefone para chamar o Ministro Lott e implorar-lhe que impedisse, com as tropas do Exército, aquela «subversão da ordem». As exigências dos cafeicultores eram tão reacionárias que nem mesmo Jânio, se quisesse manter-se no poder, podia permitir aquela «marcha».

Esse episódio do desmascaramento de Jânio pelo Marechal Lott tem aliás um outro aspecto

revelador do caráter das duas candidaturas. Os dois candidatos passaram, com diferença de poucos dias, pelas mesmas cidades de São Paulo e do Paraná. Enquanto Jânio não mediu promessas mirabolantes e de acentuado caráter entreguista aos cafeicultores — como essa da supressão do «confisco cambial» — Lott não fez concessão alguma aos reacionários do café. Pelo contrário, teve mesmo uma manifestação de hostilidade para com eles; em Pindamonhangaba, divisando uma plantação de cafeeiros novos, fez o que todo brasileiro honesto e esclarecido faria: estranhou de público que, no momento mesmo em que 40 milhões de sacas de café se acumulam nos estoques invendáveis do Governo, os cafeicultores ainda encontrem estímulo para plantar mais café. Ao mesmo tempo, entretanto, mostrou que conhece o problema do café e sabe como beneficiar a cafeicultura sem prejudicar o interesse nacional. Em Ponta Grossa, no Paraná, mostrou a necessidade da criação de cooperativas de pequenos agricultores, inclusive de café, e de medidas legais que possibilitem a melhoria das condições de vida dos trabalhadores da lavoura cafeeira.

Sabotagem janista

Não é entretanto apenas o caso da «marcha da produção» que dá origem à grita da «sadia» contra o Marechal Lott. O comportamento do Marechal em relação à denúncia de D. Edna Lott sobre a sabotagem entreguista do Ministro Paes de Almeida, é outro foco de atrito. Toda a imprensa de aluguel saiu em socorro do ministro de Jânio no Governo de Kubitschek, mas o Marechal Lott negou-se terminantemente a desautorizar a denúncia da filha. Disse, ao contrário, que D. Edna «é maior, e responsável» e, mais, que «nunca tivera de lamentar qualquer dos atos e afirmações de sua filha», o que é uma maneira inequívoca de solidarizar-se com ela.

Enfim, o que nada está agradando à imprensa de aluguel é o grande impulso que o Marechal Lott está imprimindo à sua campanha. Em uma semana ele percorreu três estados — Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná — e mais de cem mil pessoas ouviram e aplaudiram a sua pregação nacionalista. Nas dezenas de cidades que visitou, no Vale do Paraíba, no norte paranaense e nos «pampas», ele demonstrou que já sabe como falar com o povo, e o povo está mostrando que — comparando em massa aos seus comícios — prefere e muito o seu «jeito» simples, a sua franqueza às vezes rude, mas que impressiona sempre pela sinceridade, aos arroubos da retórica demagógica e entreguista de Jânio. Falando sem pretender fazer discurso, mas mostrando segurança e honestidade em suas idéias nacionalistas e patrióticas, o Marechal Lott consegue um sucesso popular que muitos oradores calçados certamente invejariam.

A grita da imprensa entreguista é a prova de que, o Marechal vai bem...

O Circo Janista

Insistindo em esclarecer que «não é frasco de farmácia nem responsável pelos buracos de Copacabana, mas fazendo propaganda de uma loja vendedora de rádios, o Côrvo Lacerda voltou a exhibir-se na televisão. Ao lado do ridículo de falar a todo instante em «meu governo» ou fugir a algumas perguntas sob o pretexto de que não diziam respeito a «um governador de Estado», o líder da Lanterna o que fez, na prática, foi confessar o seu entreguismo e o seu ódio às reivindicações democráticas do povo. Eis alguns pontos da entrevista:

— Defendeu abertamente a Light (Companhia Telefônica), inclusive agredindo o vereador Paulo Areal, a quem chamou de demagogo por ter proposto a intervenção do Estado naquela empresa estrangeira. Revelando profunda ignorância e recorrendo à mais velhaca demagogia, afirmou Lacerda que a crise de telefones no Rio tem uma só causa: alguns vereadores vendem telefones por 20 mil cruzeiros...

— Proclamou ser um «homem da livre empresa», não admitindo de maneira alguma o estatismo. Todos sabem o que significa essa «livre empresa»: liquidação da Petrobrás, de Volta Redonda, da Companhia de Alcais, Vale do Rio Doce, Fábrica Nacional de Motores, Paulo Afonso, etc., e seu consequente domínio pelos trustes ianques.

— Acossado por uma pergunta do auditório, fez um chatíssimo discurso de mais de meia hora sobre a educação, exaltou a escola particular, mas teve medo de dizer abertamente que é inimigo da escola pública, à qual entretanto, no mais deslavado cinismo, atribui as dificuldades enfrentadas pelo povo para educar os seus filhos. Lacerda, como se sabe, está a serviço dos industriais do ensino, que enriquecem cobrando taxas proibitivas para o ingresso das crianças e dos jovens nas escolas particulares.

— Num evidente cochilo, esquecendo-se de que tem feito cavalo de batalha na suposta resistência de Jânio a qualquer compromisso, Lacerda afirmou que Jânio tem com ele compromissos por escrito que preverão (ele bem sabe que não é verdade) no caso (que felizmente não acontecerá) de se eleger governador da Guanabara.

— Num de seus habituais acessos de estupidez e primarismo, tentou Lacerda desacreditar o sistema de educação socialista, afirmando ao lado de abraçar: «... a educação na Rússia só produziu artigos de luxo. Não é necessário comentar a tumba boreal...»

Já ao fim do programa, respondendo à pergunta de uma pessoa que se achava no auditório, disse Lacerda: «Tem e chamado de tudo, menos de mentiroso...» Ao que outro assistente replicou, imediatamente:

— É mais uma mentira sua...

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Sempre voando, JK chegou a Brasília e tomou providências para um pequeno salto até à Ilha do Bananal. Xana dessas ilhas e vindas, afirmou sua disposição de apoiar a chapa Lott-Jango. O mesmo sistema de forças que lhe deu a vitória em 1955 deve eleger o candidato nacionalista. Isto será garantido da continuação dos empreendimentos atuais, necessários ao desenvolvimento do país.

JK afirmou isso e suas palavras não devem ser postas em dúvida, sem mais nem menos, por simples implicância. Há implicâncias que são índice de burrice. Outras indicam velhacaria, como no caso do sr. Goudin, que implica com tudo que nos desvenelhe das amarras com o imperialismo. Acontece porém que JK não governa só. Governar em boa e também em péssima companhia. Embora nascido e criado na terra do milho e do porco, às vezes esquece o provérbio

português tão conhecido em Minas: «quem com porcos se mistura farelo come».

O Ministro da Fazenda de JK é Sebastião Paes de Almeida, ainda agora denunciado mais uma vez como homem do vidro plano e de outras ligações com os americanos. Injo candidato é Jânio Quadros. A Comissão Executiva do Movimento Nacionalista reiterou a acusação já tantas vezes feita. Sebastião acumula-se com certos grupos do café e entreguismo. Esses grupos do café, por sua vez, são economicamente entrelaçados com organizações imperialistas. Como pode JK honrar sua promessa de apoiar Lott e Jango, mantendo numa pasta importante como a da Fazenda um homem que os nacionalistas, sem contestação séria, denunciam, oficialmente, como metido na vigarice do café solúvel, indústria que se paga em um ano, indústria da General Foods e do Grupo Rockteller isto

é, camarilla subordinada à por gente de Wall Street, aos sustentadores ocidentais e cristãos de Somoza e Trujillo, nos agressores da Guatemala e de Cuba?

É preciso que certas pessoas compreendam essa coisa tão simples: o Brasil evoluiu politicamente. Já não é possível sermos governados por um Cate (solúvel) Filho, por um Jânio (também solúvel), por um Batista ou um Frondizi — vozes latino-americanas de esse e de Sig Man Rhee que agora está metido em camisa de onze varas na própria Coreia do Sul. Os imperialistas americanos não compreendem isso? O raciocínio dos «experts» do Departamento de Estado não alcança essas coisas? Adez deles! Que se queiram em Padre Eterno, com o bôz assim limitados, com o barro do Cão Canaveral.

Como compreender-se então que JK, tão vivo, mantenha Paes de Almeida, depois que já viu tudo?

EM SÃO PAULO

PRESTES FAZ AUTOCRITICA

S. Paulo (Da Sucursal) — De tudo quanto Prestes disse, sexta-feira último às mil e tantas pessoas que superlotavam o Salão das Classes Laborais, nada causou mais profunda impressão, nem suscitou maior entusiasmo entre o auditório do que a autocrítica feita pelo líder dos comunistas brasileiros em face dos erros cometidos no passado. Impressionaram sobretudo, a assistência, a franqueza e a coragem de Prestes ao falar de posições errôneas assumidas por ele próprio e pelo movimento comunista, sob sua responsabilidade, dando exemplo para que todos os comunistas sigam o mesmo caminho honrado do reconhecimento dos erros, como autênticos revolucionários.

Certamente, a assistência compreendeu muito bem o sentido profundo das palavras de Prestes, e o manifestou nos aplausos realmente tempestuosos que tributoou ao líder comunista. Se mais amplo tivesse sido o local, muito maior teria sido a assistência, uma vez que muitas pessoas não puderam permanecer por falta de lugar.

PALAVRAS E REALIDADE

Na sua exposição sobre a atuação dos comunistas no passado, Prestes ressaltou a nítida contraposição existente entre certos «slogans» e formulações dos comunistas e a realidade. Falava-se em atraso progressivo, enquanto o país se desenvolvia; concitavam-se os camponeses a tomar terras para trabalhar, quando esta diretriz não tinha condições para converter-se em realidade, transformando-se não raro em aventuras; caracterizava-se como um «código de castigos» uma Constituição que contém diversas medidas nela introduzidas graças à bancada comunista na Assembleia Nacional Constituinte — foram alguns dos muitos pontos mencionados por Prestes para mostrar e quanto estava divorciada da realidade brasileira a atuação dos comunistas.

Prestes concluiu, então, os comunistas, notadamente aqueles que ocupam ou ocuparam posições de direção, a que reconheçam não apenas os seus erros, a que renunciem o prática de direção através de ordens de cima e de medidas administrativas, prática incompetente, com uma associação de pessoas conscientes e dedicadas à causa da libertação nacional e social no Brasil.

PAZ E CAMPANHA ELEITORAL

Em outra parte do seu discurso, Prestes se deteve no exame de algumas questões da situação internacional, sublinhando que neste momento assumem importância primordial as manifestações populares em defesa da paz. Em seguida, abordou os problemas mais candentes da situação nacional, especialmente a campanha eleitoral. Nesse ponto, fez uma breve caracterização das candidaturas de Lott e Jânio, ressaltando o caráter nacionalista — ainda que limitado, às vezes equivocado — do primeiro, mas que se distingue, como a água e o vinho, da candidatura entreguista de Jânio Quadros. Enquanto Lott é um homem honrado, disse Prestes, Jânio é um farsante. No Paraná, para coar os votos dos cafeicultores, Jânio prometeu acabar com o chamado «confisco cambial», o que seria um idiscutível retrocesso no desenvolvimento econômico nacional.

Por fim, Luiz Carlos Prestes tratou das teses ora em discussão nas fileiras comunistas. Foi nessa parte que fez a autocrítica dos erros dos comunistas.

Após retirar-se do Salão das Classes Laborais, cerca das 22 horas, foi Prestes novamente alvo de carinhosa manifestação, passando sob aplausos e vivas entre duas extensas alas de manifestantes, que chegaram a interromper o trânsito.

LÍDER SINDICAL PAULISTA VIU AS MILÍCIAS DE FIDEL

Povo de Armas na Mão é Dono do Seu Destino

O poder em Cuba está nas mãos do povo. Lá, governo e povo são uma só coisa — declarou à reportagem de NOVOS RUMOS ao seu regresso de Havana, onde assistiu aos festejos de 1º de Maio, a convite da CTC, o dirigente sindical paulista Armando Piani, secretário geral dos Sindicatos dos Bancários de São Paulo.

— Para nós, que vivemos em um país onde a imprensa, em sua maioria está interessada em deturpar o sentido da revolução cubana, assacando contra ela e seus líderes, principalmente Fidel Castro, as mais deslavadas mentiras, surpreendeu ver o povo de armas na mão, as milícias do povo, desfilar garbosamente ante a imensa multidão. Foi o desmentido mais objetivo a tudo que se diz e se propala com referência à «falta de liberdade» em Cuba.

Após relatar as emoções da jornada em meio às manifestações dos operários e camponeses de Cuba durante o 1º de Maio, o entusiasmo de centenas de milhares de pessoas que, durante cinco horas na imensa praça ouviram o discurso de Fidel, o líder bancário paulista afirmou sua crença de que será impossível a volta ao «status quo» anterior.

— Não é mais possível o «retorno», disse. A consigna «Pátria ou morte» expressa com realismo os sentimentos do povo, a sua vontade de lutar para garantir as conquistas da revolução.

— Os cubanos estão estreitamente unidos em torno de seu governo revolucionário e de Fidel Castro. Além disso, pode constatar que contam com a solidariedade de todos os povos da América Latina, e não só dela como do mundo.

As milícias

Destacando a importância que têm as milícias populares na vida do país, disse e entrevistado que a elas cabe o papel de defendê-lo contra qualquer agressão externa.

— Os trabalhadores e camponeses de Cuba, homens e mulheres, estão conscientes de seus deveres revolucionários e as armas que empunham são para defender a soberania do país. Cada uma das 33 Federações Sindicais de Cuba tem um corpo miliciano, o núcleo de exército do povo. Também nos bairros das principais cidades existem grupos de milicianos, dos quais participam os comerciantes, donos de casa, etc.

— Além de prevenir o país contra qualquer agressão — prosseguiu — a milícia zela pela manutenção da ordem interna e exerce vigilância contra a sabotagem daqueles que, estupidamente, ainda pretendem fazer com que a ilha volte a ser fonte de superlucros para os grupos estrangeiros que exploravam as riquezas nacionais.

Democracia do povo

— Estou convencido de que em Cuba existe a Democracia. Se não fosse assim, o povo, que dispõe de armas, já teria derrubado o governo, como fez com Batista.

— Aquêles que se dizem democra-



«Que Vengán»

tas — acrescentou — que afirmam que em Cuba o governo não é democrático, que experimentem armar o povo aos seus respectivos países. Se permanecerem no poder depois disso, serão governos do povo.

A revolução resolveu

Afirmando a sua convicção de que a revolução resolveu alguns dos problemas fundamentais de Cuba e marcha para realizar as aspirações do povo, o líder bancário Armando Piani enumerou algumas das conquistas já obtidas após a queda da ditadura.

— Quero partir do que poderia parecer mais simples: o banho de mar. Sim, frequentar uma praia durante o tempo de Batista era privilégio dos ricos. A elas os trabalhadores não tinham acesso. Hoje, entretanto, qualquer operário pode gozar suas férias num balneário, ele e a família, já que as casas não existentes podem ser alugadas a preços ao alcance da bolsa dos que antes eram os menos favorecidos. Os preços, em média, são de 2,5 pesos diários, com comida, e mais, os alugueis são cobrados de acordo com o salário de cada um, nunca ultrapassando a 35 pesos por quinquena. Para melhor elucidar, o salário médio de um metalúrgico é de 7,5 pesos diários e o de um tabaqueiro 10 pesos.

Assinalou em seguida, o entrevistado, a importante baixa havida nos alugueis de casas (50%) e nos preços de gêneros de primeira necessidade como a carne e os ovos.

TRABALHADORES VÃO DAR MAIS UM EMPURRÃO

Campanha Para Apressar Greve Salário Mínimo e Previdência

Reportagem de ROBERTO MORENA

Delegações sindicais dos Estados de São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, participaram da reunião realizada na capital paulista nos dias 28 e 29 de maio último. As suas decisões foram objetivas: um plano de ação para mobilizar e unir os trabalhadores na campanha pela revisão do salário mínimo atual, a conquista do salário profissional, novos acordos salariais e contrato coletivo de trabalho, a aprovação final das leis Orgânica da Previdência Social, a regulamentação do Direito de Greve e a realização do III Congresso Sindical Nacional.

Salário Mínimo

Os dirigentes sindicais resolveram lutar pela convocação de todas as Comissões de Salário Mínimo, para que as mesmas reúnem-se durante o mês de junho corrente, reorganização do SEPT e atualização dos cálculos e dos estatísticos do custo de vida; organizar as tabelas das várias regiões do país pelos sindicatos diretamente, terminar com o arbitrário zoneamento e com as diferenças absurdas das várias regiões; acrescentar ao cálculo do salário mínimo mais três itens: educação e cultura, recreação e previdência social. Conjuntamente com essa luta, tornar

permanente o combate contra a carestia de vida e realizar toda a campanha sempre apoiada na mais ampla mobilização dos trabalhadores, para que não seja motivo de exploração demagógica.

Semana de luta

Os líderes estaduais, signatários das decisões do encontro sindical, comprometeram-se a promover uma semana de mobilização em prol da aprovação dos dois projetos. A semana será realizada de 14 a 21 de junho. Nesse período serão feitas reuniões e concentrações, cujos resultados devem ser enviados a todos os parlamentares. No dia 21 serão efetuados comícios e amplas reuniões de trabalhadores.

Os aposentados e suas famílias farão passeatas durante a campanha, exigindo que se inicie o pagamento das aposentadorias móveis, já aprovadas e regulamentadas.

Foi enviado um telegrama ao presidente da Câmara dos Deputados, solicitando que se inclua os projetos de interesse dos trabalhadores, até o dia 10 de junho, no ordem do dia, e sua imediato discussão e aprovação. Além desses pedidos, propôs-se que as Confederações, Federações e Sindicatos Nacionalmente mantidas em Brasília enviassem comissão para acompanhar os traba-

lhos legislativos em torno do andamento de ambos os projetos.

O problema da habitação

O que se faz em Cuba no sentido de melhorar as condições de vida do povo está expresso no programa de construção de habitações que vem sendo realizado pelo governo revolucionário.

— Aquêles que ainda moram em barracos semelhantes às nossas favéias sabem que o martírio breve terá fim. O governo dá grande importância ao problema de habitação e, nesse sentido, já construiu, no ano passado, 10 mil casas e prevê, para este ano, a construção de mais 20 mil. O aluguel delas variará de 10 a 35 pesos mensais e as menores dispõem de 2 dormitórios, sala, cozinha e banheiro.

— Eu vi, todos que vão a Cuba podem ver: os quartéis estão mesmo sendo transformados em escolas — afirmou o entrevistado, acrescentando que somente no ano passado o governo entregou ao povo 30.000 prédios escolares.

O centro está no campo

— Apesar de tudo o que se faz em outros setores, é no campo que se opera a grande revolução. A reforma agrária monopoliza todas as atenções. Ao contrário do que muitos pensam, a entrega da terra não se faz apenas aos camponês, individualmente. A criação de cooperativas está sendo estimulada e para elas se volta o futuro da revolução no campo.

— Tive oportunidade de visitar duas cooperativas, a «Cuba Livre» e a «Ca-

milho Cienfuegos». Na primeira vi 44 casas já construídas para aqueles que antes viviam em miseráveis taparas; vi duas escolas em pleno funcionamento e uma em construção; vi, nas duas, a luz elétrica que foi levada àqueles que antes viviam nas trevas, sob o tacho do latifundiário; vi o cinema e o hospital; vi o médico trabalhando, dando assistência a 300 famílias que nem um enfermeiro conheciam antes; vi, por fim, a televisão no clube da cooperativa.

Revelou ainda o entrevistado alguns dados sobre a produção agrícola nas cooperativas que visitou, mais detalhadamente sobre a «Camilo Cienfuegos».

— Com uma área de 140 caballerias (uma caballeria equivale a 13,5 hectares) a cooperativa «Camilo Cienfuegos» produz principalmente arroz, além de amendoim, tomates e cebolas. Aliás, em relação ao primeiro, convém esclarecer que antes da reforma agrária Cuba importava cerca de 4 milhões de quintais, o que equivale a 5 milhões de dólares de divisas que iam para o exterior. Para este ano, segundo estimativa do INRA, a colheita de arroz na ilha deverá alcançar a casa de 4,5 milhões de quintais.

— Os dados acima relatados, de duas cooperativas, poderão dar ao leitor uma idéia aproximada do que é hoje o campo em Cuba se levarmos em conta que apenas na província de Matanzas, existem 66 cooperativas, com uma área de 4.587 caballerias, cultivando arroz, batatas, feijão, algodão, amendoim, legumes e hortaliças.

Após ressaltar mais uma vez a grandiosidade das manifestações do 1º de Maio, à qual estiveram presentes representantes dos trabalhadores de 17 países, concluiu o líder bancário:

— Diante do que vi em Cuba, diante da solidariedade manifestada pelos trabalhadores, tenho a firme convicção de que nem as sabotagens, nem as calúnias e nem os boicotes serão capazes de liquidar a vida nova que está sendo construída pelo povo e pelo governo de Cuba, que só desejam viver em paz e decentemente.

CARIOCA PROTESTOU CONTRA A CARESTIA

Nem mesmo a chuva intensa que desabou sobre a cidade desde as primeiras horas da tarde de 31 impediu o êxito das manifestações programadas para o «Dia de Protesto Contra a Carestia». Milhares de trabalhadores de todas as categorias profissionais, donos-de-casa e estudantes participaram dos atos convocados para a Praça da Bandeira, Padre Miguel e Irajá. Da Praça da Bandeira, onde a chuva caiu

com intensidade, imensa massa humana se dirigiu para o Sindicato dos Têxteis, lotando completamente as suas dependências. Os atos, promovidos pela Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara, contou com o apoio das entidades estudantis, do funcionalismo federal e municipal, e dos 250 Comitês Nacionalistas Lott-Jango.

EXIGÊNCIAS

Em todos os atos realizados, que foram precedidos de centenas de debates e conferências nas fábricas, sindicatos e locais de trabalho, os trabalhadoresvallaram a exigir do Governo a adoção de medidas contra a carestia, pela limitação de remessa de lucros para o exterior, aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social, e regulamentação do Direito de Greve. Salientaram-se, notadamente, as manifestações contra a permanência do sr. Sebastião Pass de Almeida no Ministério da Fazenda. As manifestações do dia 31, na opinião dos líderes sindicais, abriram caminho para a realização vitoriosa de novos protestos contra o alto crescente do custo de vida, e em defesa das reivindicações dos trabalhadores.

Greve na Fábrica de Alcalis

Os trabalhadores da Companhia Nacional de Alcalis, situada no município fluminense de Cabo Frio, entraram em greve a zero hora do dia 31 último, exigindo da empresa o cumprimento das disposições legais relativas à insalubridade e ao acordo firmado pelo seu administração. O movimento é liderado pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais, que se encontra em assembleia permanente, aguardando o atendimento das suas reivindicações.

Homenagem a Alice Tibiriçá

No próximo dia 8, faz dez anos do falecimento de D. Alice Tibiriçá, que dedicou toda a sua vida a campanhas de grande significação moral, social e política.

Descendente de tradicional família mineira D. Alice Tibiriçá não quis viver facilmente a vida que uma elevada posição social lhe oferecia, mas, ao contrário, dedicou-se a lutar pela solução dos problemas da coletividade. Sua primeira atividade foi junto ao governo de São Paulo, para a criação de cursos de avicultura e apicultura, dos quais participaram mães do interior do Estado, com bolsas de estudo fornecidas pelos municípios. Em seguida, considerou que a participação da mulher na sociedade deve ter maior amplitude. E é com vigor que defende, em 1931, o direito do voto à mulher, cujo vitória lhe deu novas perspectivas. A sua atividade é intensa, particularmente em defesa de uma posição de dignidade e respeito para a mulher. Luta pela instalação de escolas agrícolas para mães. Obtem do governo a oficialização do Dia das Mães. Luta, obnagadamente, pelos que sofrem, fundando em São Paulo a primeira Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa Contra a Lepre e, em seguida, congêneres pelos demais Estados e pelo interior. Foi, realmente, a pioneira das campanhas de assistência

aos lázaros e às suas famílias. Várias outras sociedades foram fundadas por D. Alice Tibiriçá. A Instituição Carlos Chagas, o Instituto de Serviços Sociais, o Instituto de Serviços Preventivos, a Federação das Associações do Combate à Tuberculose, a Sociedade de Amparo aos Psicopatas.

D. Alice Tibiriçá tinha a capacidade extraordinária de aprender, de encontrar novos caminhos. Foi assim que ajudou a criar as União Femininas contra a carestia. O Instituto Feminino do Serviço Construtivo, que fundou, logo depois, destinado a educar, mobilizar e organizar as mulheres, era uma organização de novo tipo e não, apenas assistência, assistencial. Foi a primeira presidente da Federação de Mulheres do Brasil. E como participante ativo de luta em defesa do petróleo e das riquezas nacionais, D. Alice Tibiriçá foi uma das figuras mais destacadas, pela sua combatividade, pelo seu coragem, pela sua dedicação. Preocupava-se com o destino do mundo, com a felicidade das mulheres, com o manutenção da PAZ.

A sua vida, as suas obras, a sua bondade serão lembrados no próximo dia 8, num ato em homenagem à sua memória, que será realizado no 9º andar da ABI, às 20 horas, promovido por seus amigos e inúmeras organizações.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmom Borges

REDATORES

Almir Matos, Rul Faço, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7844
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

Enderço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Annual	Cr\$ 250,00
Semestral	> 130,00
Trimestral	70,00
Aérea anual, mais Cr\$ 100,00;	
semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.	
Número avulso	Cr\$ 5,00
Número atrasado	8,00

Notas Sobre Livros

Os livros se amontoam sobre a mesa. A espera de leitura e de notícia. Todavia, a capacidade do leitor e notificador está sujeita a limites intrinsecamente inclusive porque outras tarefas ocupam o seu tempo. Os autores ou editores, que me fazem o favor de ofertar suas obras, compreenderão certamente porque nem sempre é possível dedicar-lhes nestas notas o espaço desejável. Não estranharão, por isso, que sejam forçados, de vez em quando, ao registro puro e simples dos livros recebidos. É o que faremos por hoje.

Poesias Completas de Bernardo Guimarães — Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonse de Guimarães Filho. Edição do Instituto Nacional do Livro, Rio, 1959.

J. Galante de Souza — O Teatro no Brasil, Tomo I — «Evolução do Teatro no Brasil». Tomo II — «Subsídios para uma Bibliografia do Teatro no Brasil» — Edição do Instituto Nacional do Livro, Rio, 1960.

Afonso Arinos de Melo Franco — Curso de Direito Constitucional Brasileiro, Volume II — «Formação Constitucional do Brasil». Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro, 1960.

Almir de Andrade — O Capital Através das Doutrinas Econômicas. 2ª edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959.

Gilberto Freyre — O Velho Félix e Sua Memória de um Cavaleiro. Incluindo a 2ª edição, revista e aumentada, das Memórias de um Cavaleiro, de Félix Cavalcanti de Albuquerque, prefaciado e anotado pelo seu neto Diogo de Melo Meneses e comentado por Gilberto Freyre. Prefácio de Louvival Fontes. Edição Ilustrada. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959.

Luis da Câmara Cascudo — Canto de Muro. Romance de costumes. Ca-pa de Luis Jardim. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959.

Dante Costa — Os Olhos nas Mãos. Literatura Brasileira Contemporânea. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1960.

Libero Luxardo — Marabá. Romance, narrativa e paisagem da Amazônia. Gráfica Falanga Editora, Belém, 1960.

Pedro Nunes — Orações... «Um Livro do Povo, Para o Povo e Pelo Povo, Páginas Extras». Volume I de uma série de 4. Edição do Autor, Rio de Janeiro, 1959.

Angelo Raimundo — Brasília, Paralelo 15. Novela. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1960.

Pedro Ferreira da Silva — Cooperativa sem Lucros. «Uma experiência anarquista dentro da sociedade capitalista». Editora Germinál, Rio de Janeiro, 1958.

E. Armand — Nova Ética Sexual. Tradução e Introdução de Roberto das Neves. Editora Germinál, Rio de Janeiro, 1960.

José Augusto Garcez — Folclore, Realidade e Destino dos Museus. Artigos, ensaios, discursos. 2ª edição. Livraria Regina Editora, Aracaju, 1959.

Oswaldo Valpassos — Nordeste Pitoresco. Folclore. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1960.

Claudio de Araújo Lima — Ensaios de Psicologia Médica. «Notas críticas sobre o conceito de medicina psicossomática». Bruno Bucini editor, Rio de Janeiro, 1959.

Alguns desses livros, como é fácil de se ver pelos respectivos títulos, escapam à competência do comentarista. Outros, no entanto, se ajustam melhor ao plano das minhas preocupações correntes, e sobre eles é possível que eu volte a tratar mais demoradamente, e tudo questão de tempo.



Ora o Salazar...

Então Eisenhower escolheu Portugal para dali convidar os países do Ocidente para lutar contra os países socialistas? Mas logo Portugal? Para um apelo tão monstruoso só mesmo o cenário português com Salazar mantendo, prendendo, imperando.

É assim mesmo a vida; há coisas espantosamente ridículas que provocam risos se a gente não sentisse atrás delas o espantosamente monstruoso. Essa de Eisenhower não é a primeira, não será a última. Enquanto isso em Portugal sofre, (todo Portugal está sofrendo há muitos anos) é mal tratado um escritor homem de muito saber e de muito trabalho grande romancista, criatura de caráter: Aquilino Ribeiro. O país escolhido pelo presidente dos Estados Unidos para a mais provocadora das declarações e o mais abjeto dos apelos quer matar um homem de inteligência e de cultura, vem matando há mais de trinta anos, homens e mulheres que têm uma opinião diferente da dominante e defendem seus direitos de seres humanos que querem viver uma vida de povo livre.

Mas é preciso enganar o mundo, não deixar que outros países e outras gentes fiquem apenas com o conhecimento do péssimo, do ruim, do monstruoso que ocorre no país escolhido por Eisenhower para falar em liberdade e então Portugal mandou um telegrama para o mundo: o sol ali está girando diferente. Não parece anedota? E o cardeal Cerejeira, patriarca de Portugal, ordenou uma investigação para apurar se o sol girou de maneira extraordinária no dia 17 de maio, dia em que completou o primeiro aniversário o monumento do Cristo Rei.

Não é boa? A mim, enamorada do sol, o que me parece é que o querido astro-rei deve realmente estar envergonhado de iluminar aquele país. Girar diferente é bobagem, aliás já contestada pelos astrônomos e astrólogos, mas esconder-se de vergonha creio bem que seja possível. O sol que abençoa crianças felizes dos países socialistas, não pode abençoar crianças órfãs pelo salazarismo, crianças que crescem com medo, vendo em torno de si campear a desgraça, a miséria, as perseguições, os punhos de aço estrangulando gargantas.

Agora que se fala na viagem de JK a Portugal, eu gostaria de aconselhá-lo: não vá não, moço. Não vá porque se lá chegando nada fizer de protesto contra o fascismo salazarista, não outros vamos ficar seus inimigos. Não vá não; Maria Della Costa que teve espetáculos proibidos e sofreu muito por lá, já lhe pediu que não vá. E digo mais: não nos fale em Comunidade Luso-Brasileira que isso é fascismo do pior. Comunidade por quê? Não presidente, mil vezes não. Nosso sol anda direitinho, não fica girando bóbo e dóido, nem o apelo de Eisenhower pode cair nos corações bem formados. Somos contra a guerra e contra o fascismo. É melhor não ir, presidente.



Tópicos Típicos

Corção ou Corçona — Corção, de um erro ortográfico — extenuado por suas extravagâncias na mesa de Catarina de Sena, tomou uma semana de férias. Já recuperado, voltou domingo à santa mesa. Referindo-se ao «amoroso furacão» da mestra, o escriba do «Diário de Notícias» transcreveu:

«escrevo-te no sangue precioso do Filho de Deus, com o desejo de te ver queimado e afogado nesse doce sangue...»

Mais um pouquinho engasgava. Perturbação semelhante ocorreu quando o homem do sobrenome errado discursou num jantar janista. Trechos do discurso, publicado em «Maquis», nº 155:

«... estamos reunidos nessa reunião conjunta para homenagear três homens, dos quais um é mulher (não ficou bem explicado o sexo dos outros dois) ... Jânio vem aí. Jânio vem aí. Vem aí. Vem aí. Ai. Ai. Ai. Ai. Ai...» (Nesse ponto, por gaúdio dos que recebiam seus perdigotos, o orador foi retratado pelos acólitos, dados os evidentes sintomas de apoplexia).

... E o pobre livreiro capitulou. Antônio Olinto e Zora Seljan conseguiram.

... Ainda intensa a trampolinagem da fauna do suplemento do «Jornal do Brasil».

Na primeira página, o engraviado Gullar — um buraco é um buraco — em matéria de que é catedrático, critica o oportunismo de badalante e anti-higiénico Georges Mathieu, «que não perde nem tempo nem oportunidade em se promover a si mesmo».

Mais adiante, Nelson Coelho — introdutor da prática do zenbuidismo no Brasil — cavou veladamente uma parceria com Henry Miller. Em artigo de 137 linhas, a página quatro, 87 são do escritor norte-americano. O artigo está assinado só pelo Coelho.

José Carlos de Oliveira, que está deixando crescer a barba para enganar o espelho, ocupa quase toda a última página falando sobre o caso Chessman. A laudas tantas, regozija-se:

«De certa forma, um escritor é o camarada que se sente alegre ao saber que um homem na Califórnia, a despeito de sua longa luta contra a impiedade que o ameaça, será conduzido à uma câmara de gás (...). Em toda parte os escritores esfregam as mãos: eis um assunto».

Já no «Correio da Manhã», o saltitante poetinha Waldir Ayala, autor da peça «Mulher, nosso filho vai ser mãe», pergunta sustado: «Onde estão os sapos?» Quem viu os sapinhos do Ayala?



ESTUDANTES LATINO-AMERICANOS ESTÃO DE ACÓRDO:

Reforma é Mais Social Que Pedagógica

Animados debates de representantes de dezesseis países concluíram que não é possível reformar o ensino na América Latina sem uma luta prévia contra o imperialismo e as oligarquias semifeudais, responsáveis pela situação de atraso em nossos países, pela manutenção de governos antidemocráticos e pela deformação das Universidades.

Encerrado a 23 de maio, o I Seminário Latino-Americano de Reforma e Democratização do Ensino Superior contou com a participação de universitários da Argentina (3), Bolívia (2), Brasil (3), Chile (3), Colômbia, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Porto Rico, Uruguai e Venezuela, além de um estudante da República Dominicana exilado no Brasil.

Como observadores, participaram dos trabalhos um delegado da UIE, dois da COSEC e representantes das uniões estaduais de estudantes, que, a seguir, se reuniram no Conselho da UNE.

Instalação

A falta de rotas aéreas diretas a Salvador, onde se reuniu o Seminário, retardou muito a chegada dos delegados. Daí a presença de apenas cinco delegações na instalação solene, dia 15, na Reitoria da Universidade da Bahia.

Na ocasião, fizeram uso da palavra o Secretário de Educação do Estado, o presidente da União Nacional dos Estudantes, acadêmico João Manuel Conrado Ribeiro, o presidente da União dos Estudantes da Bahia, Oliveira Gualanos, o delegado da UIE, Pedro Alvarez, o da COSEC, Sylvio Mutal, e o representante da Guatemala, Eduardo Gozqueta, que falou em nome dos delegados.

Os trabalhos só começaram efetivamente dia 17, já então com a presença de 10 delegações. Foram votados o regimento interno, o temário e os métodos de trabalho.

O temário do conclave constou de três pontos: «Situação da Universidade Latino-Americana», «Uma política para a Universidade Latino-Americana» e «Conteúdo técnico da Reforma».

Foi adotada pelo plenário a seguinte forma de trabalho: informes sobre o primeiro ponto, lidos na assembléia para conhecimento de todos, e discussão nas comissões para os dois outros temas.

Situação da universidade

Os informes sobre a questão, que deveriam resumir o número de universidades e de alunos, estrutura legal das universidades, sua composição social, orçamento universitário, material técnico e didático, política dos governos quanto à ajuda monetária a universidades particulares, as universidades frente à ditadura, movimento estudantil em cada país e outros aspectos da vida dos estudantes de nível superior, ocuparam totalmente os trabalhos dos dias 18 e 19.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a situação universitária em toda a América Latina é muito semelhante à do Brasil.

Assim, em virtude da seleção econômica e social que se verifica



A proteção de Deus

desde o curso primário, só permitindo às classes média e alta o acesso ao ensino superior, é bastante reduzido o número de alunos em comparação com a população do país.

A discriminação econômica, junta-se, em certos países, à de ordem política. Na Colômbia, após o vestibular, o aluno é entrevistado por professores que o reprovarão à simples suspeita de idéias progressistas.

O número de Universidades e estabelecimentos isolados não atende às necessidades do país, pois há grande quantidade de Faculdades de Filosofia, Direito e Economia, para um número ínfimo de escolas de Engenharia, Química, Medicina, etc. Além disso, a falta de material didático e o distanciamento da realidade social fazem com que as Universidades não cumpram sua função de centros superiores de formação.

O orçamento universitário depende, em geral, de verbas dos governos. Em muitos países, os dinheiros públicos são desviados para Universidades particulares, reduções e instrumentos do imperialismo e do conservadorismo. As lutas estudantis pela não concessão desse dinheiro a estabelecimentos privados estão na ordem do dia em muitos países como Brasil, Argentina, Colômbia, etc.

A estrutura legal das Universidades varia em cada país, refletindo as condições econômicas, políticas e culturais. A participação do estudante nessa estrutura, orientando e dirigindo seu funcionamento, já é uma vitória conseguida em muitos países, enquanto outros ainda lutam por obtê-la.

A política a seguir

Das resoluções aprovadas por unanimidade pelo plenário, destacam-se os seguintes pontos:

1 — A luta do estudantado universitário pela reforma e democra-

Os universitários fletam hospedados na Casa de Retiro São Francisco, onde se realizaram as sessões plenárias e as reuniões de comissão. A tranquilidade do ambiente e distância da cidade permitiram a rapidez dos trabalhos e a presença dos delegados a todas as reuniões, como se pode ver pela foto.

Moções Aprovadas

O I Seminário Latino-Americano de Reforma e Democratização do Ensino Superior aprovou, por unanimidade, as seguintes moções:

1 — Condenando energeticamente a existência de regimes ditatoriais e coloniais, propõe uma ação de alerta e de luta das Uniões Nacionais de Estudantes para fazer desaparecer essas manchas da vida democrática da América Latina.

2 — Apoio à realização do Congresso Mundial de Juventudes e da Conferência de Povos Subdesenvolvidos em Havana — Cuba, por considerar que esses eventos fortalecerão a luta antiimperialista e antiféudal de nossos povos.

3 — Solidariedade à Federação de Centros Universitários da Venezuela na sua luta contra a Universidade de Santa Maria, em defesa da seriedade e rigor científico do ensino superior e pelo aumento do orçamento educacional do país.

4 — Saudações fraternais ao povo de Cuba e a seu Primeiro Ministro Fidel Castro, aplausos ao trabalho revolucionário do povo de Martí e recomendação aos estudantes da América Latina, através de seus representantes no Seminário, a criação de Comitês de Defesa da Revolução Cubana e a difusão de seus princípios e trabalhos.

5 — Solidariedade irrestrita à luta do povo e estudantes portorriquenhos por sua independência nacional.

6 — Pede aos povos de América Latina que intensifiquem sua luta em apoio ao estudantado e povo panamenhês em prol da nacionalização do Canal do Panamá, pois considera que enquanto o imperialismo norte-americano dominar a Zona do Canal, a causa dos povos latino-americanos se verá constantemente ameaçada pelo contingente armado que ali se concentra, num atentado evidente contra a autodeterminação desses povos.

7 — Dar apoio absoluto ao povo e estudantado de Honduras na luta por exercer sua soberania sobre os ilhas de Cisne, das quais pretende se apoderar o Governo dos EE.UU.

8 — Apoio à luta dos estudantes brasileiros, liderados pela UNE, em prol de uma justa lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

9 — Apoio aos estudantes nicaraguenses na sua luta por maior orçamento universitário e contra a ditadura de Somoza.

Outras importantes moções aprovadas, foram:

10 — Denunciar a chamada «Sociedade Interamericana de Imprensa» (SIP) e as agências telegráficas americanas AP e UPI, como instrumentos do imperialismo norte-americano, para manter intactas as estruturas econômicas coloniais da América Latina, mediante a campanha de descredito da Revolução Cubana e outros movimentos populares.

11 — Apoiar a luta dos estudantes salvadorenhos pela democratização de seu país e pela completa satisfação das necessidades de sua Universidade pelo Governo.

12 — Solidariedade com a justa reclamação dos estudantes equatorianos pela solução pacífica de sua contenda de limites com o Peru.

13 — Condena a política de repressão violenta do Governo francês, de que são vítimas, há cinco anos, o povo e os estudantes argelinos.

14 — Recomendar a todas as Uniões Nacionais Latino-Americanas que trabalhem pela unidade do movimento estudantil mundial.



O estudante salvadoreno, Scharik Jorge Handal, quando falava na sessão solene de encerramento, tendo à sua direita o presidente do Conselho da UNE, representantes do Reitor da Universidade da Bahia, do Prefeito e do Governador, o presidente da UNE e o Secretário da Educação. Na parte inferior da foto, os delegados presentes ao Seminário.

Personalidades prestigiam

COM A SURSAN TRABALHADOR NÃO TEM VEZ

E' Quase Tudo Para a Zona Sul

Dos dois departamentos da SURSAN, o Departamento de Urbanização é a «menina dos olhos» das verbas destinadas a esta autarquia. Seus recursos se elevam a vários milhões de cruzeiros das quais uma parte é, de fato, empregada nas obras que beneficiarão a população (é claro que é impossível desviar todos os milhões). A outra parte, bem mais polpuda, se destina a grandes negócios como o do Desmonte do Morro de Santo Antônio.

Uma das grandes falhas da SURSAN está na maneira como realiza suas obras, na desacertada escolha das obras fundamentais de que mais necessita a população do Estado da Guanabara. As obras fundamentais desta autarquia centralizam-se nos grandes empreendimentos urbanísticos como a Avenida Perimetral, o atêrro da Glória e do Flamengo e outros. Enquanto isso, as enchentes continuam matando, provocando o desabamento de várias favelas e deixando um grande número de famílias ao relento; a população das Zonas Norte e Suburbana permanece praticamente sem esgotos, vivendo em condições que não são as de seres humanos.

SURSAN e as classes

O próprio Plano de Realizações da SURSAN, elaborado quando de sua criação, encerra uma nitida diferenciação entre as Zonas Norte e Sul da cidade, em benefício da Zona Sul. E', portanto, às necessidades desta parte da população, que constituem uma minoria, que o Plano atende. Mas, sabemos perfeitamente que a maioria da população é constituída por mais de 1 milhão de operários e trabalhadores que vivem principalmente na Zona Norte, nos subúrbios e nas favelas desta «Cidade Maravilhosa».

Vejam os Plano de Realizações. No que diz respeito aos túneis, todos eles estão localizados na Zona Sul, sendo que só Copacabana conta com três: Barata Ribeiro-Raul Pompéia, Teneiros-Pompeu Loreiro e Sá Ferreira-Nascimento Silva. Até mesmo o Catumbi-Laranjeiras, que pode talvez nos iludir pelo fato de Catumbi ser Zona Norte, tem como objetivo a ligação Cais do Pôrto-Copacabana.

Das grandes Avenidas, excluindo a Avenida Radial-Oeste, todas as outras vêm beneficiar o tráfego da Zona Sul e do Centro da Cidade. Por exemplo, a Avenida Beira-Mar, a Avenida Norte-Sul (que inclui as duas zonas), a Radial-Sul, a Perimetral e outras. O famoso Desmonte do Morro de Sto. Antônio e atêrro da Glória e do Flamengo tem como objetivo facilitar o escoamento do tráfego da cidade para o Zona Sul. E é de se notar que enquanto as obras da Radial-Oeste prosseguem a ritmo lento e nada é feito para diminuir o sofrimento dos milhares de trabalhadores que se servem diariamente da Central do Brasil e da Leopoldina, o túnel Barata Ribeiro-Raul Pompéia já foi entregue ao tráfego e foi concluída uma pista de alta velocidade no atêrro.

Contradições da SURSAN

De fato, o Plano de Realizações da SURSAN é mais falho ainda. Com problemas tão sérios e gritantes como o da falta d'água constante em todos os pontos da Cidade, o das escolas e muitos outros, bilhões de cruzeiros do povo são destinados à construção de grandes obras urbanísticas, de importância secundária para uma população tão sacrificada como a nossa. Não se pode pensar em pistas de alta velocidade quando há inúmeras favelas a serem urbanizadas, quando apenas 1/3 da população se beneficia da rede de esgotos, quando as torneiras das casas ficam secas durante semanas a fio por causa da falta d'água, e filas intermináveis de homens e mulheres se formam à frente das escolas para conseguir uma vaga para seus filhos,

Mas as obras urbanísticas aí estão sendo realizadas e, apesar dos seus grandes defeitos sociais, têm também seu mérito. São, realmente, grandes empreendimentos e solucionarão alguns problemas. Dentre estas obras urbanísticas, algumas serão construídas até o final deste ano ou início do próximo. Segundo o sr. Maia Penido, Presidente da SURSAN, a Avenida Perimetral será entregue no dia 31 de outubro deste ano, estando aberta ao tráfego a partir de 21 de janeiro de 1961.

Perimetral e Radial-Oeste

A Avenida Perimetral, que teve sua conclusão retardada por motivos técnicos e de demolições de prédios, tem como objetivo a travessia do centro da Cidade em condições satisfatórias, possibilitando o acesso em tempo mínimo da Praça do Congresso à Praça Mauá. Para evitar o tráfego intenso do centro da cidade serão utilizadas pistas elevadas, com sistemas de rampas para ligar as pistas elevadas com as pistas do solo. A pista elevada terá 21m de largura, 6 faixas de trânsito de 3,30m e passeios laterais. O trecho até a Praça 15 de Novembro, com um comprimento de 710 m já está quase pronto, e os 350 m que separam a Praça 15 de Novembro da Avenida Presidente Vargas serão em breve iniciadas. Restarão depois cerca de 700 m a serem construídos até a Praça Mauá. Está ainda em fase de estudos o seu prosseguimento até a Avenida Brasil.

A Radial-Oeste será a principal via de escoamento do tráfego que se destina à Zona Norte e aos Subúrbios da Central. Sua construção divide-se em duas etapas. A primeira, com uma extensão de 2.500, irá da Praça da Bandeira até a rua S. Francisco Xavier, abandonando o traçado sinuoso da Avenida Maracanã. O primeiro trecho da Radial-Oeste que vai do viaduto de S. Cristóvão até a rua Mata Machado, ficou pronto em janeiro de 1956. Em fevereiro do ano corrente foi entregue ao tráfego o trecho da avenida desde a Praça da Bandeira até a rua General Canabarro, pela primeira pista.

Nova Praia do Flamengo

Com o Desmonte do Morro de Santo Antônio, duas obras novas foram realizadas: o atêrro da Glória e do Flamengo e a Avenida República do Chile. Na faixa litorânea construiu-se uma pista de alta velocidade desde a Esplanada do Castelo até o Morro da Viúva, com 8 m de largura, permitindo o rápido escoamento de veículos. Em virtude do atêrro do Flamengo, os banhistas perderam a sua praia. Segundo o eng. Repóse de Almeida, diretor de Urbanismo da SURSAN, entretanto, deve ser entregue a nova praia do Flamengo no próximo verão. O plano é restabelecer a praia desde a rua 2 de Dezembro até a Av. Rui Barbosa, facilitando aos banhistas a travessia do atêrro com duas passagens subterrâneas.

Quanto aos túneis, já está sendo traçado o de Barata Ribeiro-Raul Pompéia. Este túnel veio solucionar o problema da duplicidade de mãos na Av. N. Sra. de Copacabana.

O túnel Catumbi-Laranjeiras, parte do sistema de ligação Cais do Pôrto-Copacabana, está incluído entre as grandes obras da SURSAN. Dotado de duas pistas de 7 m, terá iluminação indireta, perfeito sistema de sinalização, seis guardas ao longo do túnel, em nichos ventilados, que controlarão a renovação do ar no seu interior, e que estarão em contato direto com as centrais de comando localizadas nas duas bocas do túnel. Atualmente, restam a perfurar 50m correspondentes à parte central do túnel. Em fins de 1958 já haviam sido pagos em contratos pela SURSAN pouco menos de 335 milhões de cruzeiros. Segundo a SURSAN deverá ser entregue até setembro de 1960 ao tráfego.



Comício no hospital

Indignados com o descaso dos Institutos, que não pagam a subvenção para manter os associados enfermos internados no Sanatório de Curicica, um grupo reuniu-se para discutir uma maneira melhor de levar a público o seu protesto. A presença da reportagem de NR resolveu.

IAPS NÃO PAGAM INTERNADOS DE CURICICA

Fome Mata Antes da Doença

Reportagem de JOÃO MASSENA MELO

— Enquanto os fornecedores continuam a fazer entrega de arroz e feijão, o hospital continuará aberto. — A dramática declaração feita pelo dr. Rui Tourinho, diretor do Sanatório de Curicica, durante um reunião realizada há dois meses com os internados daquela Casa de Saúde, revela a situação a que chegou a assistência aos trabalhadores enfermos em nossa pais.

O sanatório, que abriga mais de mil trabalhadores tuberculosos através convênios com os Institutos de Previdência encontra-se em situação calamitosa, devendo mais de 70 milhões às firmas fornecedoras de gêneros e medicamentos, em virtude de um conflito criado com as entidades que o subvencionam. O crescente aumento do custo de vida elevou as despesas hospitalares e obrigou a diretoria do hospital a uma reavaliação do custo do leito-dia (antes era Cr\$ 280,00) para Cr\$ 560,00. Com isto não concordaram os Institutos que mantêm convênio com o nosocômio, a maioria dos quais continua a pagar os preços antigos, com exceção do IAPI e do IAPM. O primeiro concordou em elevar as suas contribuições na base de Cr\$ 500,00 e o segundo na base de Cr\$ 400,00 por leito-dia.

Apesar disso, a situação do Sanatório continua difícil e os déficits crescem assustadoramente. O tratamento aos internados baixa de qualidade, pois a administração do hospital não tem meios de adquirir os produtos essenciais e quando o faz recebe de má qualidade.

Institutos não pagam

A reportagem de NR visitou o Sanatório, manteve contato com os enfermeiros, manteve contato com os enfermos. Todos foram unânimes em criticar a atitude de instituições como o IAPC, IAPM, LBA e IPASE, que ficam às vezes até 8 e 10 meses sem efetuar os pagamentos devidos à casa de saúde. Resaltando a honestidade da diretoria do hospital, que luta com dificuldades para dar uma assistência melhor aos internados, assinalaram que a maior responsabilidade pela situação atual cabe aos Institutos de Previdência.

Em sua entrevista a NR, o dr. Rui Tourinho, diretor do nosocômio, afirmou inicialmente que, «apesar de o hospital jamais ter deixado faltar para os internados os medicamentos essenciais ao seu tratamento, os constantes déficits nos orçamentos, motivados pelos constantes altas do custo de vida, vêm prejudicando sobremaneira as atividades do estabelecimento.

— As verbas não são suficientes — acrescentou — e, apesar dos esforços que realizamos, administração e equipe médica, estamos sempre subordinados a essa conjuntura, pósto que o ponto de partida está na solução do problema econômico-social

Revelando a reportagem que o número de pedidos de internamento que não podem ser atendidos é grande, o dr. Rui Tourinho expressou sua preocupação pelo destino dos enfermos que não podem ser atendidos.

«Não sabemos onde o doente irá cair, após sair daqui com o seu pedido de internamento recusado... essa é a triste realidade.

Após assinalar que todos os enfermos que são tratados no hospital de Curicica são trabalhadores, reportou-se ligeiramente às medidas de ordem geral no sentido de uma solução radical do problema da tuberculose no país.

— Quando os trabalhadores ganham maiores salários; quando melhores forem suas condições de trabalho e de vida, incluindo-se o repouso necessário, o conforto digno de um homem que trabalha no pesado; quando os ganhos provenientes de sua produção diária forem realmente compensadores, possibilitando-lhes melhores condições de higiene, dando-lhes também uma vida de menos preocupações no amanhã, então teremos percorrido o caminho para solucionar o problema da tuberculose onde ela se apresenta com maior incidência: entre os trabalhadores.

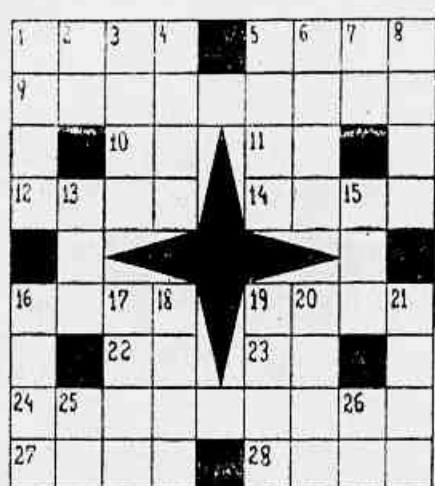
Palavras Cruzadas

F. Lemos

PROBLEMA Nº 13

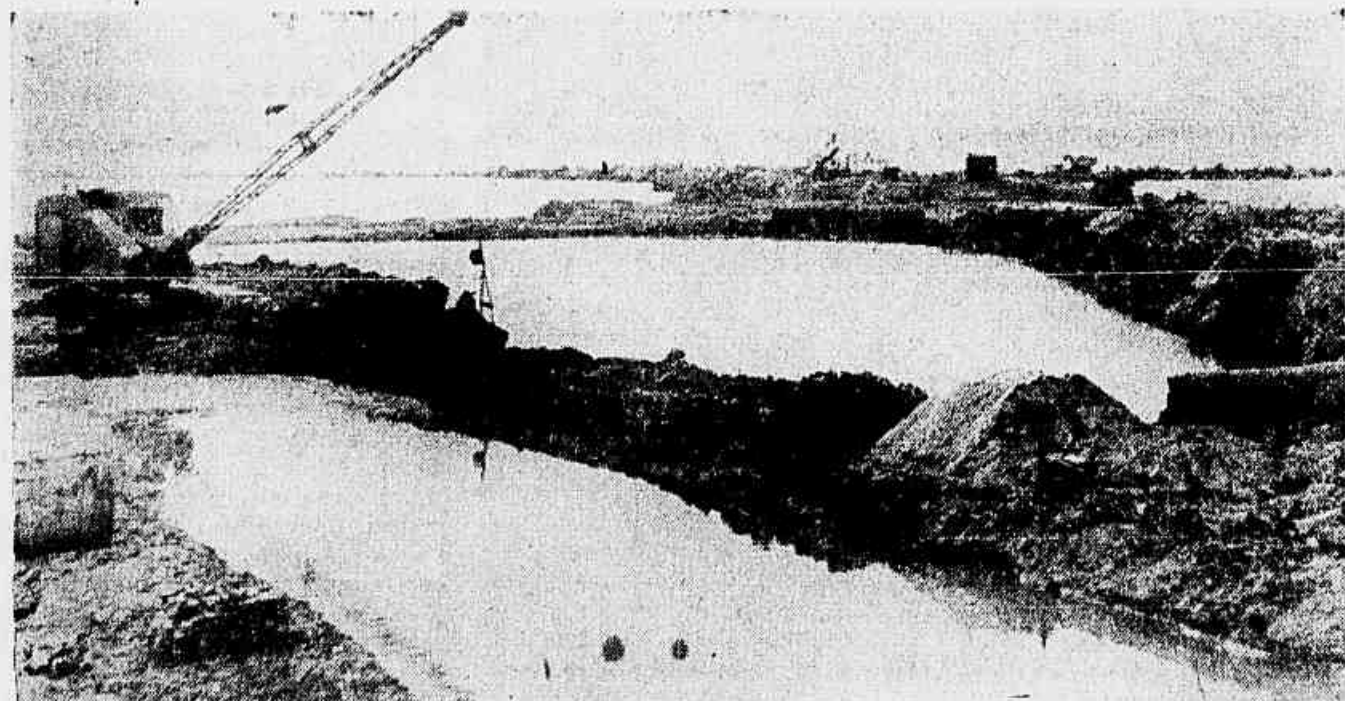
HORIZONTAIS: 1 — Do feito do ovo. 2 — Siga; ande. 3 — Terra arrotada própria para cultura. 4 — Raça; casta. 5 — Sete menos um. 6 — Que não é baixa. 7 — Sexta nota musical. 8 — Uma das cinco partes do globo. 9 — Achar graça. 10 — Viscera dupla que segrega a urina. 11 — Nome dado às Senhoras em geral. 12 — Ave pernalta (pl.). 13 — Desmoronar-se. 14 —

Beira; margem. 21 — Homem de pequena estatura. 25 — Décima sétima letra do alfabeto grego. 26 — Interjeição, Espanhol.



RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 12

HORIZONTAIS: 1 — Aba; 4 — Ais; 7 — Enfiote; 10 — Loanto; 12 — Ad; 13 — Rua; 14 — Ano; 15 — Mal; 17 — Oco; 18 — Cal; 20 — Ida; 21 — Tu; 22 — Moroso; 25 — Ilacoe; 27 — Loa; 28 — Ovo. VERTICAIS: 1 — Au; 2 — Abusiva; 3 — Cid; 4 — Ao; 5 — Itacoe; 6 — Sed; 8 — Ana; 9 — Noa; 11 — Oráculo; 13 — Nodoso; 19 — Jmá; 20 — Ito; 21 — It; 23 — Oca; 24 — Omo.



Caminhos do Sul

Quando o Rio era D.F., os prefeitos faziam planos de melhoramentos, olhando sempre para o Sul, a zona Norte não existia. A maior parte do que ficou por fazer é de e para lá. Esperamos que no Estado da Guanabara as coisas sejam diferentes.



Cidade Ameaçada (II)

PARA o modesto cinema brasileiro filmes como Cidade Ameaçada representam um passo a frente. Hoje pode-se dizer que caminhamos para a frente no sentido industrial da cinematografia. Mesmo as famosas chanchadas que se fabricam no Rio e em São Paulo já possuem um padrão técnico mais do que aceitável. Artisticamente, porém, a evolução tem sido mais lenta, demarcada lenta podemos acrescentar. Daí a satisfação que nos trazem películas como esta e a recente produção de Walter Hugo Khoury — Na Garganta do Diabo. Ambas têm valor intrínseco pelas suas qualidades cinematográficas (fotografia, montagem, interpretação, etc) mas o mérito principal reside na história contendo elementos característicos de nosso país e de seu povo. Embora tratando temas situados em épocas diversas (um capítulo da guerra do Paraguai e um fato da atualidade) Na Garganta do Diabo e Cidade Ameaçada estão no caminho que levará o cinema brasileiro à maturidade artística.

X—X—X

VOLTANDO ao filme de Roberto Faria, é preciso repetir que suas intenções são bastante modestas e que o tema policial já foi explorado até quase a exaustão pelo cinema norte-americano. Justamente, o argumento de Alinor Azevedo procura dar características locais ao drama fugindo inteiramente à cópia de modelos hollywoodianos. Todos os sentidos e reflexos da realidade que nos cerca quer na paisagem quer no linguajar, quer no comportamento das personagens.

A simplicidade da história, que não pretende mais que contar a promoção de um simples assaltante a grande bandido, tem o tratamento cinematográfico apropriado: fotografia funcional corte rápido, diálogos curtos. Diga-se, de passagem, que as imagens em preto-e-branco de Tony Babatoni são de primeira ordem e podem figurar entre os melhores trabalhos de iluminação dos últimos anos. Diferentemente de outras produções, Cidade Ameaçada trata de assunto sério sem negativismo e toque sentimental é sóbrio. Os papéis secundários defendidos por Ana Maria Nabuco, Eugênio Kusnet, Milton Gonçalves, Mozael Silveira e outros estão num plano tão bom quanto o do núcleo central.

De nossos aplausos a realização do moço Roberto Faria não se desprenda que a fita esteja isenta de defeitos. As imperfeições existem, talvez, o prolongamento de algumas seqüências chegou a quebrar atmosfera de tensão e o ritmo. No conjunto, no entanto, são apenas detalhes. Em Cidade Ameaçada existe algo de mais importante que a unidade temática e plástica, numa afirmação vigorosa do talento do diretor e seu desejo de passar a vós mais altos.

Teatro Beatriz BANDEIRA

«O Cavalinho Azul»

O teatrinho do «Tablado» está apresentando em duas sessões aos sábados e domingos, à tarde, a peça de Maria Clara Machado «O CAVALINHO AZUL». Uma às 15, outra às 17 horas. Do texto em si, podemos dizer que se trata de um poema, em linguagem cheia de ternura, para o qual Anna Letycia com seus cenários, Reginaldo de Carvalho com sua música, criaram um clima de sonho e de lirismo que ainda mais o valorizam. O menino Vicente possui um único e grande amigo na vida: um velho pangaré cansado, magro e trêpego. Com ele conversa, com ele sai a passeio, a ele transmite seus sonhos de aventura, de conquista do mundo, seu desejo de viajar até «às capitâneas hereditárias». E a seus olhos de amigo, o velho pangaré parece um guapo cavalinho, robusto e elegante, azul da cor dos sonhos das crianças, com longas crinas e cauda prateadas. Mas o pai de Vicente é pobre e aquele animal que já não colabora e dá grandes despesas de alimentação é um peso morto que precisa ser vendido. Sem o amigo o menino vai em grande tristeza. Resolve sair pelo mundo à procura do cavalinho. Vai ter a um circo. Um circo muito pobre onde há um delicioso palhaço, três elefantes (aos quais Maria Clara dirigiu e Marie Louise e Dirceu Nery confeccionando, deram tal realidade que poderíamos dizer que «só faltam falar») e três músicos muito excêntricos que, impressionados com a descrição que o menino faz de seu fantástico cavalinho e cheios de ambição, resolvem apossear-se dele. No circo Vicente conhece uma menina a quem revela a finalidade de sua peregrinação. Esta, enternecida, resolve ajudá-lo acompanhando-o. E lá se vão os dois, de cidade em cidade, perguntando a todo mundo: se viram um cavalinho azul de longa cauda prateada... Por outro lado, os três músicos, carregando os instrumentos, nos quais escondem suas armas, viajam à noite, para não serem vistos, prontos a assaltar os dois jovens e tomar-lhes o cavalinho azul, assim que o encontrarem. Em suas andanças encontram muita gente: soldados, vendedores, lavadeira, homens. E todos seguem agitados, inquietos, apressados, de tal maneira embrutecidos em suas ocupações, que não lhes sobra tempo nem olhos para ver um «cavalinho azul». Apenas uma pessoa o viu, uma adorável velhota louca que, como as crianças e os poetas, vive em pleno sonho.

Por fim, exausto e só — a menininha cansada voltou à casa — Vicente adormeceu ao lado de João de Deus, velho de longas barbas que ele confundiu com o próprio Deus. Ao despertar encontra o seu velho pangaré magro e trêpego, transformado pelo poder do sonho em um belo e ágil cavalinho azul de crinas prateadas. Voltam os dois juntos para sua cidade. Na cena final, como em um placideiro, o menino incita o cavalo: vamos meu cavalinho vamos... E ele parece que vai criar asas, e subir incorporando no céu azul que serve de fundo à cena...

É um espetáculo que nos faz pensar no Pequeno Príncipe, em Platão e Eu e no suave Bambi dos desenhos animados. Os pais devem levar seus filhos. Preço da entrada, Cr\$ 60,00. Se tem um defeito: Acaba depressa. Deixa saudades na gente.

LUTA DUROU UM MÊS

Turcos Resolveram Mudar: Japão: Kishi Prêso Derrubado Governo

Há um mês as manifestações se sucediam na Turquia, apesar do estado de sítio, a proibição das reuniões de mais de cinco pessoas e as milhares de prisões.

O governo Menderes teve a pretensão de esmagar a oposição, acusando-a de atividades «subversivas» e «antinationais». Uma lei especial, votada pela maioria da grande assembleia nacional, atribuiu às comissões parlamentares poderes de exceção, que permitiam proibir qualquer crítica e condenar, sem apelação, todos os infratores. Essas medidas eram tomadas por um regime que já tinha lançado na prisão, pelo menor pretexto, diretores e redatores-chefes de jornais.

Um mês de manifestações

Os ânimos mais se exaltaram quando o chefe do partido republicano do povo, o ex-presidente Ismet Inonu, foi suspenso do parlamento por doze sessões. A 27 de abril os estudantes turcos, seguindo o exemplo de seus colegas sul-coreanos, promoveram manifestações nas principais universidades de Istambul. A polícia usou bombas lacrimogêneas. No dia seguinte novas manifestações aos gritos de «Liberdade! liberdade!». A polícia atira, fazendo cinco mortos e vários feridos. Proclamou-se a lei marcial. No entanto, o movimento se estende logo à capital, Ankara. Ali também a polícia espingardeia e assassina estudantes.

A 1.º de Maio, o governador militar de Istambul impôs à população um toque de recolher de 24 horas, e os tanques e metralhadoras percorriam as ruas desertas.

No dia seguinte, na mesma hora em que o ministro turco das relações exteriores, Zorlu, saudava seus colegas do «mundo livre» na reunião da OTAN, milhares de pessoas promoviam uma demonstração diante do edifício onde tremulavam

as bandeiras dos países membros da OTAN, ainda aos gritos de «Liberdade! Liberdade!». A polícia e o exército as expulsam com uma brutalidade excepcional. No entanto, não transcorria um só dia sem novas manifestações.

Se, ainda por mais três semanas, a oposição se manteve firme, apesar das medidas extraordinárias que chegavam até mesmo a proibir as festas de casamento ou as reuniões dos conselhos de administração de sociedades privadas, era porque tinha a seu favor a maioria da população, apesar dos discursos otimistas de Menderes.

«Democracia e prosperidade»

O que vai acontecer agora? Os chefes militares que acabam de tomar o poder anunciaram sua intenção de organizar eleições livres. Autorizaram o reaparecimento dos jornais suspensos por Menderes.

Em 1957 o partido democrata de Menderes conseguiu 300.000 votos a menos do que os partidos da oposição. No entanto, uma lei eleitoral que proibia a coalizão desses partidos, garantiu, graças a muitos truques, a vitória da camarilha no poder.

Três quartos dos habitantes vivem no campo, com condições de trabalho feudais. Estão subordinados ao arbítrio dos «agras», grandes proprietários de terra e verdadeiros potentados locais.

Os operários devem contentar-se com uma alimentação constituída de algumas azeitonas ou tomates.

O índice dos preços por atacado se elevou de 14,4% de dezembro de 1956 a dezembro de 1957, e aumentara ainda 15,2% durante o primeiro semestre de 1958, continuando os salários praticamente os mesmos.

A «prosperidade» turca favorecia sobretudo as grandes empresas estrangeiras (americanas, inglesas ou alemãs), os latifundiários e os po-

líticos corruptos. Bayar, presidente da república, era um grande banqueiro; Menderes, latifundiário, era o testa-de-ferro dos «agras».

As condições para uma política nova

A Turquia é considerada o baluarte da aliança atlântica. Dez mil oficiais, soldados e técnicos americanos estão ali instalados nas bases anti-soviéticas espalhadas por todo o país. A este, porém, isto custa caro. As despesas militares trazem 30% da receita orçamentária. O fato de que o avião-espião U-2 tenha partido da base da Adana mostra que essa política poderia provocar uma verdadeira catástrofe.

Os novos dirigentes se dizem herdeiros do testamento político de Kemal Atatürk redigido em 1913. Este aconselhava a juventude preservar a independência econômica do país. É, porém, difícil respeitar essa vontade quando se proclama, ao mesmo tempo, adesão à OTAN e ao CENTO.

Ismet Inonu pretendia governar igualmente segundo os princípios do fundador da Turquia «moderna». Não aceitou a doutrina Truman, que abriu as portas ao avassalamento do país.

As bases sociais dos partidos que apóiam Menderes e Inonu são, aliás, sensivelmente as mesmas, e o regime instaurado por este não era nada mais democrático que o de Menderes.

O Partido Comunista Turco está na ilegalidade desde 1921. Há 39 anos a mais dura das repressões entrava seu desenvolvimento. Várias centenas de seus militantes ainda se acham na prisão.

Nada indica que o general Gursel pretenda seguir um caminho verdadeiramente democrático mas as manifestações sem precedentes que resultaram na queda de Menderes mostram que o povo turco deseja transformações profundas. Será difícil, sem dúvida, enganar-lo. Quando os homens se dispõem a morrer pela liberdade é claro que não vão se contentar com uma simples volta ao passado.

Concurso da Rádio Moscou

A Rádio Central de Moscou está transmitindo diariamente para o Brasil, uma emissão diurna de 13,30 às 14 horas, hora do Rio de Janeiro, pelo comprimento de onda de 16 metros, nas frequências de 17,78 megacíclos a 17,88 megacíclos.

Como anteriormente, a emissão principal da Rádio de Moscou para o Brasil continua sendo das 19 às 21 horas, hora do Rio de Janeiro. Poderéis ouvi-la diariamente no comprimento de onda de 16 metros, nas frequências de 17,82 megacíclos a 17,88 megacíclos.

Em 19 metros, nas frequências de 15,10 megacíclos a 15,44 megacíclos. E, em 25 metros, nas frequências de 11,79 megacíclos a 12,02 megacíclos.

CONCURSO

Todas as quartas-feiras, às 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios.

Japão: Kishi Prêso 8 Horas Pelo Povo

As 11 horas do dia 26, o primeiro ministro japonês Nobusuke Kishi entrou no Hotel Prince para discutir com seus conselheiros a situação de seu Governo. Na rua, diante do edifício do Parlamento, a pequena distância do hotel, aumentava cada vez mais o número de manifestantes que desde as oito horas se concentravam às portas do Parlamento para entregar abaixo-assinados contendo centenas de milhares de assinaturas contra a aprovação do novo «tratado de segurança» nipo-norte-americano.

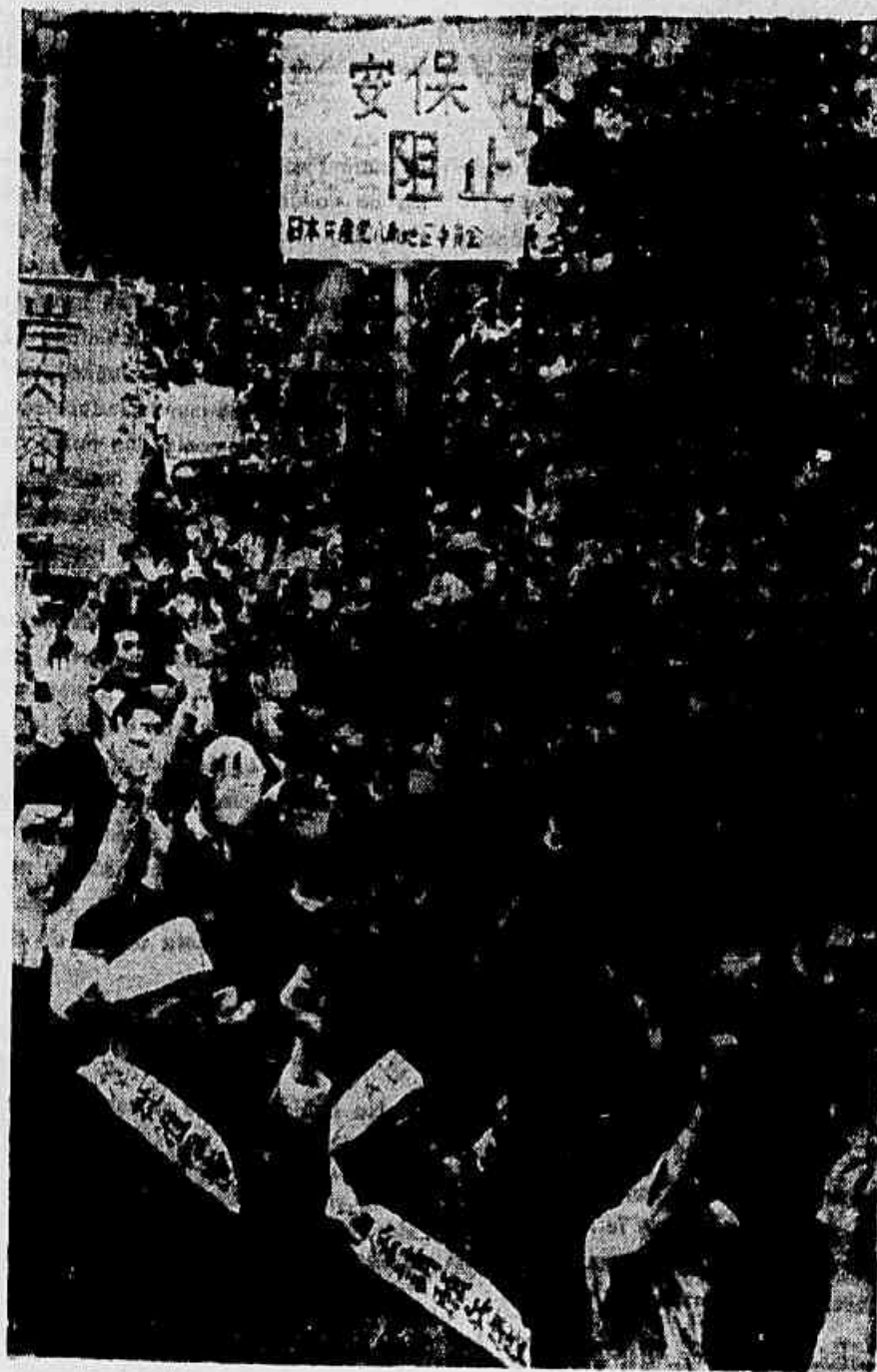
As 14 horas, escoltado por cinco mil policiais, Kishi entrou no Parlamento pela porta dos fundos, como um gato. Imediatamente, todas as portas e janelas do edifício foram herméticamente fechadas, apesar do calor reinante. Enquanto isto, um ajudante de ordens do premier telefonava para sua casa a fim de avisar que ele tinha entrado no Parlamento «são e salvo». Dentro do edifício, Kishi e seus auxiliares podiam ouvir os brados dos manifestantes na rua, que a essa altura já somavam mais de duzentos mil.

As 22,30 horas, finalmente, Kishi criou coragem e saiu, mais uma vez pela porta dos fundos, entrando rapidamente num automóvel que partiu em disparada para sua residência, contando desta vez com a proteção de doze mil policiais, além de grande número de tanques, «jeeps» e caminhões, para proteger sua retirada. Alguns dias antes o embaixador norte-americano no Japão, Douglas Mac Arthur Junior, declarou que as manifestações contra o eixo Japão-EUA não representavam a «opinião pública japonesa». Por que, então, o primeiro ministro Kishi precisava de tantos «protetores»?

10 milhões contra

A verdade é que a imensa maioria do povo japonês condena a política seguida por Kishi, que para se manter no poder precisa da proteção especial da polícia. Só nos últimos meses o parlamento japonês recebeu memorialis contendo mais de dez milhões de assinaturas contra o tratado de segurança com os Estados Unidos. Dezesseis campanhas de âmbito nacional foram realizadas nos últimos meses por um comitê que reúne as duas centrais sindicais japonesas, as associações de professores, artistas, advogados, ex-combatentes, as entidades estudantis todos os partidos da oposição e várias outras organizações culturais e sociais de todo o país.

Na manifestação diante do Parlamento, por exemplo, participaram 30 mil estudantes, 3 mil professores universitários, artistas, escritores e outros intelectuais, 30 mil representantes de centenas de prefeituras e assembleias municipais, 50 mil funcionários dos ministérios, etc. Depois da saída sorrateira de Kishi do Parlamento, várias colunas de manifestantes desfilaram pelas ruas centrais de Tóquio, durante quatro horas, diante de grande massa popular, só se dissolvendo a manifestação pouco antes do amanhecer. No mesmo dia, em todo o Japão, cerca de 5 milhões de pessoas tomaram parte em greves parciais, comícios, desfiles, e



Abaixo o tratado!

outras manifestações, principalmente nas cidades de Osaka, Kobe, Iokohama, Nagasaki e por todo o país, exigindo a revogação do tratado de segurança com os Estados Unidos, a dissolução do Parlamento, a demissão do Governo de Kishi com todos os seus ministros e a convocação de novas eleições.

Farsa parlamentar

O Governo de Kishi, pressionado pelos Estados Unidos, quer aprovar o tratado de segurança antes da projetada visita de Eisenhower ao Japão, marcada para 19 de junho. Diante da enorme oposição popular ao tratado, os próprios membros do Partido Liberal de Kishi começaram a temer a sua aprovação. A situação tornou-se ainda pior para a clique pró-imperialista porque o Parlamento deveria entrar em recessão no dia 26. Um dia antes, Kishi mandou mil policiais para o recinto da assembleia e expulsou todos os parlamentares que se opunham ao tratado. Depois disso, então, só estando no recinto membros do Partido Liberal, a Câmara Alta do Parlamento resolveu adiar a atual sessão por mais cinquenta dias, tempo suficiente para pôr em ação a farsa que Kishi planejou.

Esta farsa consiste em utilizar um dispositivo reacionário da Constituição japonesa, segundo o qual se uma questão for discutida durante trinta dias sem que se chegue a uma solução, na Câmara Alta, a proposta será considerada como aprovada pelas duas câmaras do Parlamento. Não podendo contar nem com todos os votos de seu partido, depois que líderes influentes como Tanzan Ishibashi, Ichiro Kono e Kenso Matsumura e mais trinta deputados condenaram sua política, Kishi conta com esta manobra para cumprir a missão que lhe foi confiada pelos EUA.

Os estudantes japoneses têm desempenhado um papel importante na luta contra o tratado de segurança com os Estados Unidos e a política do governo de Kishi, realizando grandes manifestações.

Democracia «made in Japan»

A história da aliança entre o imperialismo norte-americano e o japonês começou em 1945. Terminada a guerra, os Estados Unidos se apressaram a firmar a paz em separado com o Japão, garantindo seu domínio sobre o país. Os imperialistas e militaristas norte-americanos queriam ter uma ponta-de-lança no Pacífico e, ao mesmo tempo, evitar que a poderosa burguesia japonesa prejudicasse seus próprios interesses. O imperador Hiroito e os círculos políticos, econômicos e militares japoneses responsáveis pela invasão da China e a deflagração da guerra no Oriente foram cuidadosamente conservados nos pontos-chave da política e da economia. O próprio Kishi foi figura de proa do Governo do criminoso de guerra Togo.

Durante vários anos, o verdadeiro «dono» do Japão foi o general Douglas MacArthur. Foi ele que redigiu a Constituição japonesa, foi ele que dirigiu a reorganização da agricultura e da indústria do país, sempre com o propósito de defender as posições dos grupos imperialistas, e ao mesmo tempo que impunha a dependência da economia japonesa aos monopólios ianques. Criando um estado policial e armando um aparelho de opressão dos mais poderosos, ao mesmo tempo que tolia as liberdades democráticas e sindicais, os imperialistas ianques e japoneses fizeram com que os trabalhadores reconstruíssem toda a economia nacional destruída pela guerra em proveito da burguesia japonesa ligada aos EUA, representada pelo Partido Liberal. Depois de 15 anos de opressão, o sistema começa a ruir. E é por isso que Kishi tem que levar um verdadeiro regimento de policiais toda vez que sai na rua.

Homenagem do Povo Carioca ao Presidente de Cuba

O programa da visita do presidente do Dalcós e da delegação governamental de Cuba foi alterado para que pudesse ser realizada uma homenagem popular aos representantes da revolução cubana. A homenagem será realizada sexta-feira, dia 3, às 19 h, na sede da União Nacional dos Estudantes, à Praia de Flamengo, n.º 13. O presidente de Cuba está acompanhado pelo ministro do exterior Raul Roa, ministro da agricultura Pedro Mi-

ret Prieto, ministro da presidência, Carlos Buch, chefe das forças armadas, Juan Almeida, diplomata Levi Marrero e outros funcionários e suas esposas. A homenagem a ser prestada à delegação é patrocinada pela União Nacional dos Estudantes, a Sociedade de Amizade Brasil-Cuba, entidades sindicais, parlamentares, intelectuais, e várias outras personalidades, esperando o comparecimento do grande massa popular.

Nota Internacional

Brasil e Portugal

O governo brasileiro continua disposto a realizar a visita do presidente Juscelino Kubitschek a Portugal, apesar de já estar claro que a opinião pública brasileira condena esse ato de prestígio à ditadura portuguesa. Várias personalidades representativas da colônia portuguesa entre nós também já tiveram oportunidade de ressaltar a inoportunidade desse suposto estreitamento das relações entre os dois países, uma vez que a ditadura salazarista que oprime o bravo povo lusitano não o representa de modo algum e está com seus dias contados. Uma visita do presidente brasileiro a Portugal agora só pode ter conseqüências negativas para o futuro da amizade entre os dois povos.

O governo brasileiro criou um crédito de confiança com o povo português ao conceder asilo diplomático ao general Humberto Delgado, depois de ter agido, aumentou este crédito de confiança ao ceder à grande pressão da opinião pública e permitir a realização da I Conferência pela Anistia dos Presos e Perseguidos Políticos da Espanha e Portugal, em São Paulo. A acolhida da ditadura salazarista a estas medidas pode ser vista como o que impediu de cumprir sua temporada em Portugal pela ação de grupos fascistas com a conivência da ditadura.

Mesmo que a visita do presidente brasileiro tivesse objetivos meramente formais, ela seria condenável. Entretanto informa-se que o sr. Juscelino Kubitschek estaria disposto a assinar um tratado com o governo português prevendo uma coordenação ou mesmo uma identificação da política externa dos dois países. É de se prever, então, que o Brasil teria que apoiar a política colonialista da ditadura salazarista na África e na Ásia de opressão violenta dos povos da Angola, da Guiné «Portuguesa», de Moçambique, etc. Em outras palavras, além de apoiar uma ditadura que já começa a cambalear em Portugal, o governo brasileiro se dispõe a dar cobertura a um dos sistemas coloniais mais atrasados e que começa a se dobrar sob os golpes dos povos afro-asiáticos.

Dois anos se passaram desde o lançamento da Operação Pan-Americana à qual o governo brasileiro pretendia dar o caráter de movimento pela democracia e a emancipação econômica e política de nosso continente e mais uma vez é o próprio governo que se encarrega de mostrar a verdadeira face da OPA. Depois das andanças do sr. Horácio Lafer ao Paraguai para dar fôlego ao ditador Stroessner, é agora o próprio sr. Kubitschek que se prepara afobado para correr em auxílio ao cambaleante ditador e colonialista Salazar.

Fausto Cupertino

Singman Rhee procura salvar o pescoço

O ex-ditador da Coreia do Sul Singman Rhee fugiu do castigo popular num avião norte-americano, passou por Honolulu e deverá se dirigir em breve para sua verdadeira pátria, os Estados Unidos. A medida que iam sendo descobertos e provados novos crimes cometidos durante os doze anos de tirania imposta pelo fítere e seus patrões ianques, o medo de Singman Rhee foi crescendo, até que resolveu botar asas, um dia depois de ser acusado de ter-se apoderado de pelo menos vinte milhões de dólares.

A conivência do governo provisório sul-coreano chefiado por Huh Chung com a fuga de Rhee aumentou ainda mais o descontentamento popular contra a política de conciliação e desistência do atual governo. Em demonstrações de massa realizadas em todas as cidades do país, centenas de milhares de estudantes e trabalhadores exigem a dissolução do atual Parlamento, «fabricado» por Rhee, e a convocação imediata de novas eleições.

«Time», racismo e colonialismo

Além de explorar e oprimir os povos coloniais, os imperialistas ainda se julgam com o direito de zombar do atraso e da ignorância a que os submetem. O «Time», por exemplo, em seu número de 23 de maio, dá largas à sua vocação de racismo e colonialismo contra os povos africanos. Sabendo que qualquer ataque direto aos africanos desmoralizaria ainda mais a revista, procura então fazer «humorismo».

Diz o «Time» que várias companhias ianques na África às vezes descobrem que os africanos utilizam seus produtos de forma inédita, citando como exemplo: as mulheres grávidas ingerem grande quantidade de tinta com a esperança de que seus filhos nasçam sabendo escrever; em algumas regiões os africanos usam graxa de sapatos como creme de rosto e brilhantina em sandálias. Para o «Time» a miséria dos africanos é engraçada. Pimenta no olho dos outros é refresco...

Camboja não cede aos EUA

Não há dúvida de que as coisas estão pretas para o imperialismo na Ásia. Além dos grandes movimentos de massa da Coreia do Sul e do Japão, que prenunciam modificações naqueles países por toda a região do sueste asiático o sistema de «alianças» dos ilteres locais com os Estados Unidos e a Inglaterra ameaça cair por terra. Ultimamente, os Estados Unidos, com a ajuda da Laos e do Viet-Nam do Sul procuraram pressionar o Camboja para que este abandonasse sua tradicional política de neutralidade positiva e de amizade com a China Popular e a URSS.

A resposta não tardou. «O mundo livre» nos trata como inimigos. Que caminho devemos seguir, o da vida ou o da morte? Quando as potências ocidentais nos tratam como inimigos, como podemos considerar inimigos os países do Leste que nunca nos invadiam? Isto é impossível». Esta foi a resposta do príncipe Sihanouk, chefe do governo do Camboja, aos imperialistas.

Líder do Laos foge da prisão

O príncipe Soufanuvong, ex-chefe do exército do «atet-Laos» e líder das forças progressistas do Laos, conseguiu fugir na semana passada da prisão onde se encontrava desde julho de 1959. O príncipe Soufanuvong que, à base dos acordos de 1955 em Genebra, quando se pôs fim à guerra da Indochina, fazia parte do governo do Laos, foi excluído do gabinete e preso no ano passado depois de um golpe militar preparado, incentivado e controlado pelos imperialistas norte-americanos e seus aliados do Pacto do Sueste Asiático.

Depois da prisão do príncipe Soufanuvong e de sete outros líderes do Partido Neo Lao Haksai, por várias vezes o governo reacionário tentou processá-lo, mas teve que adiar o julgamento em vista dos violentos protestos da opinião pública laociana. Com a fuga de Soufanuvong e de seus companheiros da direção do partido de oposição, o povo do Laos terá novas perspectivas de luta contra a ditadura.

O Que é Que há Com a Terra?

Robert Lechene
— exclusivo no Brasil para
NOVOS RUMOS

Mais de 5.000 mortos no Chile, onde três terremotos arrasaram cidades e aldeias, onde um maremoto fez as águas tomarem de assalto a costa e onde sete vulcões entraram em erupção para incendiar, mais para o interior do país, o que as outras catástrofes haviam poupado. Epidemias, pânico, populações ao desabrigo, pontes destruídas, barcos naufragados, colinas que se desmoronam, visões de pesadelo...

Ao mesmo tempo, do outro lado do Oceano, a 17.500 quilômetros, imensa onda devasta cidades e aldeias, seguida de outras ondas que se sucedem de vinte em vinte minutos. Seis mil casas destruídas, trinta e quatro mil inundadas, 980 barcos de pesca afundados ou à deriva, mais de 800 mortos...

Altingidos também a Austrália, as Filipinas, o Havai, a Polinésia e até o Alasca... É imenso cataclismo que, das faldas dos Andes, estendeu seu manto de ruínas sobre toda a área do Pacífico e das ilhas nele existentes.

Depois da destruição de Agadir por um sismo no dia 1.º de março, após a destruição de Laar, no Irã, há somente um mês, será que a Terra não é mais segura, que se agita, que vai desaparecer sob os nossos pés?

De fato, vemos as coisas como homens do século XX, isto é, somos informados quase que instantaneamente sobre todas as coisas que acontecem em todos os quadrantes do globo, e reagimos em função dessas informações gerais e rápidas, enquanto que há dois séculos não se sabia quase nada sobre o que se passava junto de casa, sem falar que havia uma preocupação bastante pequena com as populações das Américas, menor com a do Japão, e menor ainda com a das ilhas Fiji. Além disso, reagimos simplesmente como homens, medimos os acontecimentos geológicos pela escala de nossa vida e não pela escala da existência da própria Terra, que conta com cerca de cinco bilhões de anos. Em relação com esses cinco bilhões de anos, o que sucede atualmente com a Terra está longe de poder ser considerado como algo de excepcional.

É excepcional apenas para nós, e já o é muito, a tal ponto que os sábios especialistas na matéria levantam sérias interrogações a respeito dessa acumulação de manifestações da atividade terrestre a que não estávamos habituados, e a qual também não estava habituada a sua jovem ciência, que conta apenas com cerca de cinquenta anos de prática.

Haroun Tazieff, por exemplo, o grande especialista em vulcões e abalos sísmicos, a quem eu telefonara após a catástrofe de Agadir, para consultá-lo sobre os múltiplos tremores que houve nos dias imediatamente seguintes, particularmente na bacia mediterrânea, respondeu-me que esses tremores não eram mais nem menos numerosos que de comum, mas que se falava deles na imprensa em virtude de Agadir e por causa da emoção que esse abalo sísmico (de amplitude média) provocara em virtude do número de vítimas que causara. Reservando sua opinião para quando informações mais amplas fossem publicadas, desta vez Haroun Tazieff se admirava de certos aspectos do cataclismo da África.

O que principalmente o surpreendera foi a ocorrência simultânea de tremor de terra, elevação brusca das águas do mar e fenômenos vulcânicos. Por quê?

O que é um maremoto?

Os especialistas preferem, para designar esse fenômeno, a palavra japonesa «tsunami», que designa uma vaga, uma verdadeira muralha de água, que se desloca com grande rapidez: é uma onda semelhante às que se formam quando se atira uma pedra na água.

Na verdade, um «tsunami» pode ser provocado pelo simples queda de uma pedra na água, o que ocorreu, por exemplo, na ilha da Madeira, em 1930, caindo de um penhasco da altura de 200 metros, um enorme bloco de pedra deu origem a uma onda de 15 metros de altura, que provocou estragos na costa. Trata-se, porém, de fenômeno bastante raro.

As causas mais freqüentes de formação de «tsunami» são os sismos, isto é, os tremores de terra, e os fenômenos vulcânicos submarinos. Toda comoção

sumarina cria uma onda que se chama de «onda solitária», da máxima violência, muralha d'água seguida de ondas chamadas «de amortecimento», bem menos violentas, que se sucedem a intervalos regulares (uma vintena de minutos, nesta semana, no Japão), até que o equilíbrio do mar se restabeleça.

A vaga propriamente dita nasce no meio do oceano, acima do desmoronamento ou da comoção submarina, e não atinge a uma altura muito impressionante; é da ordem do metro, e tanto mais baixa quanto maior a profundidade do oceano. À medida, porém, em que se aproxima da costa, a uma velocidade semelhante à do avião a jato (500 a 800 quilômetros por hora), a vaga se entesquece, pela simples razão de que a distância diminui entre o fundo e a superfície. Pode atingir nas margens, sobretudo se estas formam gargalos, até quarenta metros de altura.

O que é um sismo?

Na realidade, não se sabe. Consta-se que a Terra é sacudida por uma força interna, e que se fende. É tudo. Verificam-se os efeitos. A classificação dos sismos se baseia sobretudo em seus efeitos, segundo os estragos que provocam ou acarretariam se ocorressem em aglomerações. Há 12 graus de sismo, e o 12º indica aquele em que a destruição de uma cidade é total e absoluta. O sismo de Agadir não era do 12º grau: apenas 9º ou 10º. Fala-se, também, da «magnitude» dos sismos. Trata-se de uma medida que procura estabelecer referências menos incertas e menos subjetivas. A magnitude deriva da amplitude do movimento do solo, a 100 quilômetros do epicentro do sismo. Os diversos sismos ocorridos no Chile ultimamente foram de magnitudes que variam de 7 e 3/4 a 8 e 1/4. Foram, portanto, particularmente violentos, dado que o máximo de magnitude é de cerca de 8 e 1/2.

A noção de magnitude nos leva naturalmente a lembrar o que é um epicentro. Um sismo se produz SOB o nível do solo, a uma profundidade mais ou menos grande. Pensava-se, até data recente, que não ultrapassaria de 60 ou 70 quilômetros de profundidade, mas verificou-se que certos sismos tinham sua origem a uma distância de 700 quilômetros. O ponto onde o sismo se produz, seu foco, é chamado «hipocentro». Na vertical acima do hipocentro, no ponto da superfície do solo em que o sismo se manifesta, com a maior violência, é o epicentro.

Longas fendas podem ser produzidas na crosta terrestre, o que se constatou em Orléansville ou em Agadir. Parece que sob o oceano os sismos provocam — ou são constituídos por — um verdadeiro desabamento de superfícies do fundo, de dimensões às vezes respeitáveis.

Há ainda sismos que se distribuem pelo globo segundo zonas bem definidas. Uma delas percorre toda a costa ocidental das Américas, do Cabo Horn até o Alasca. Outra se estende pela bacia do Mediterrâneo e se prolonga até a Ásia Menor e a Ásia Central. Outra acompanha a fronteira oriental da Ásia e se prolonga até a Austrália.

Trata-se, uma vez mais, de constatações que não esclarecem a natureza do fenômeno.

O que é o vulcão?

Um vulcão é, essencialmente, um buraco que se abre na Terra e que, dá passagem à matéria incandescente que do seu interior provém: lava (isto é, rocha em fusão), cinzas, vapores... Um vulcão se forma na montanha porque tira do seu seio o material de que fará a montanha. Edifica-se sobre aquilo que rebenta. Qual é, porém, sua natureza? Ai ainda impera o mistério...

O que se sabe a respeito dos fenômenos vulcânicos é que a água lhes é necessária. É o vapor d'água que se forma na rocha quente que seria responsável pelas erupções, da mesma forma que, numa caçarola, esta é responsável pelo fato de que o leite «fuja» quando é fervido. De onde vem a água? A que profundidade nasce o vulcão? Só há hipóteses.

O que ainda se sabe é que as zonas vulcânicas se distribuem em torno da Terra como zonas de atividade sísmica, que fenômenos sísmicos são às vezes provocados por fenômenos vulcânicos, e vice-versa. Isso não impede que uns

se façam acompanhar aos outros. E, no entanto, muito provável que sua origem seja comum.

Boiamos...

A partir daí tudo não passa de suposições e teorias diversas, que podem, aliás, não ser contraditórias. Refletem, sobretudo, nossa profunda ignorância.

Aprendemos, na escola, a teoria de Wegener sobre a «deriva dos continentes». Wegener se apoiava, sobretudo, na similitude entre os acidentes geográficos leste da América do Sul. Essa hipótese perdura terreno em virtude de sua insuficiência, mas o reconquista hoje, quando parece estabelecido o princípio de isostasia: a crosta terrestre, que está para o conjunto do globo na mesma proporção em que a casca em relação à maçã, flutua literalmente sobre a própria massa da Terra, fluida, ou pelo menos viscosa. A cada sobre a qual se faria essa navegação se chama «magma». Como acontece com os icebergs nos oceanos, — princípio de Arquimedes, — a parte imersa é maior que a parte flutuante; por outro lado, tanto mais altos seriam os relevos, e tanto mais espessa seria, aí, a crosta. Sob os 9 quilômetros de altitude do Everest, haveria cerca de uma centena de quilômetros de crosta sólida que penetra no magma, ao passo que nos maiores profundidades do oceano a crosta seria extremamente fina.

Essas diferenças explicam o fato de poder se produzirem rupturas nos pontos onde a crosta é fraca, por pouco que as massas flutuantes sejam submetidas a pressões capazes de as deslocarem.

Sobre o doce que ferve

Então, o que provoca seu deslocamento? Uma das hipóteses bastante recentes, e muito convincente, é a das «correntes de convecção». Apóia-se na diferença de temperatura entre o centro da Terra e sua superfície. Essa diferença — não se chegou a determiná-la: alguns dizem que o centro da Terra estaria a 6.000 graus, e outros dizem 300.000! — deve manifestar-se por uma troca contínua, isto é, uma circulação de matéria entre fonte quente e fonte fria, em que as correntes quentes sobem à superfície — como no doce que ferve — aí perdem parte do calor e descem, frias, para a fonte quente. Por analogia com os cozidos feitos nos caldeirões mais modestos, deduziram-se as possíveis dimensões das correntes de convecção do magma: partiriam de 2.000 a 2.500 quilômetros de profundidade e se estenderiam sob a crosta a dezenas de milhares de quilômetros, antes de tornar a descer. Calculou-se sua velocidade, que seria de um a 10 centímetros por ano.

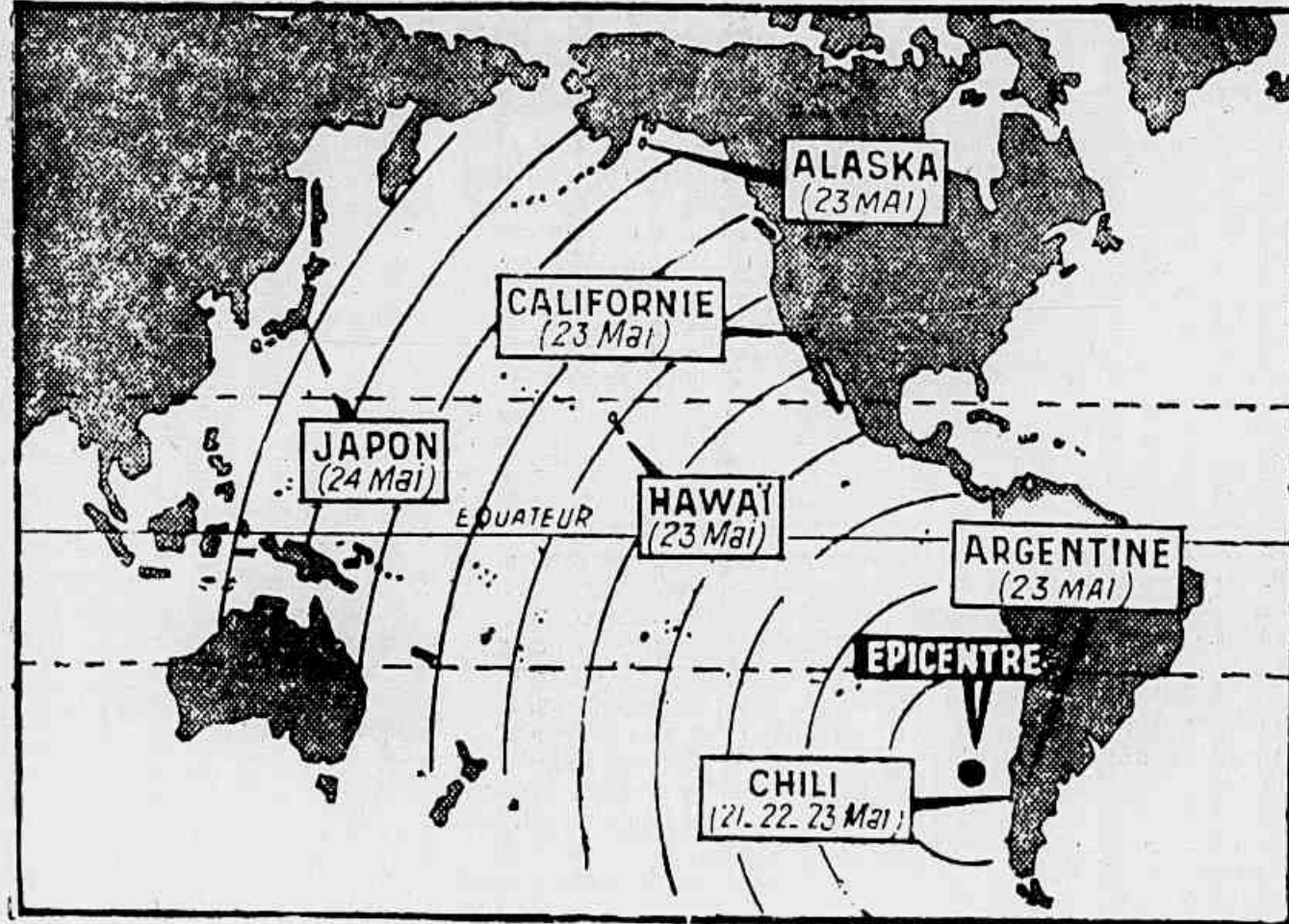
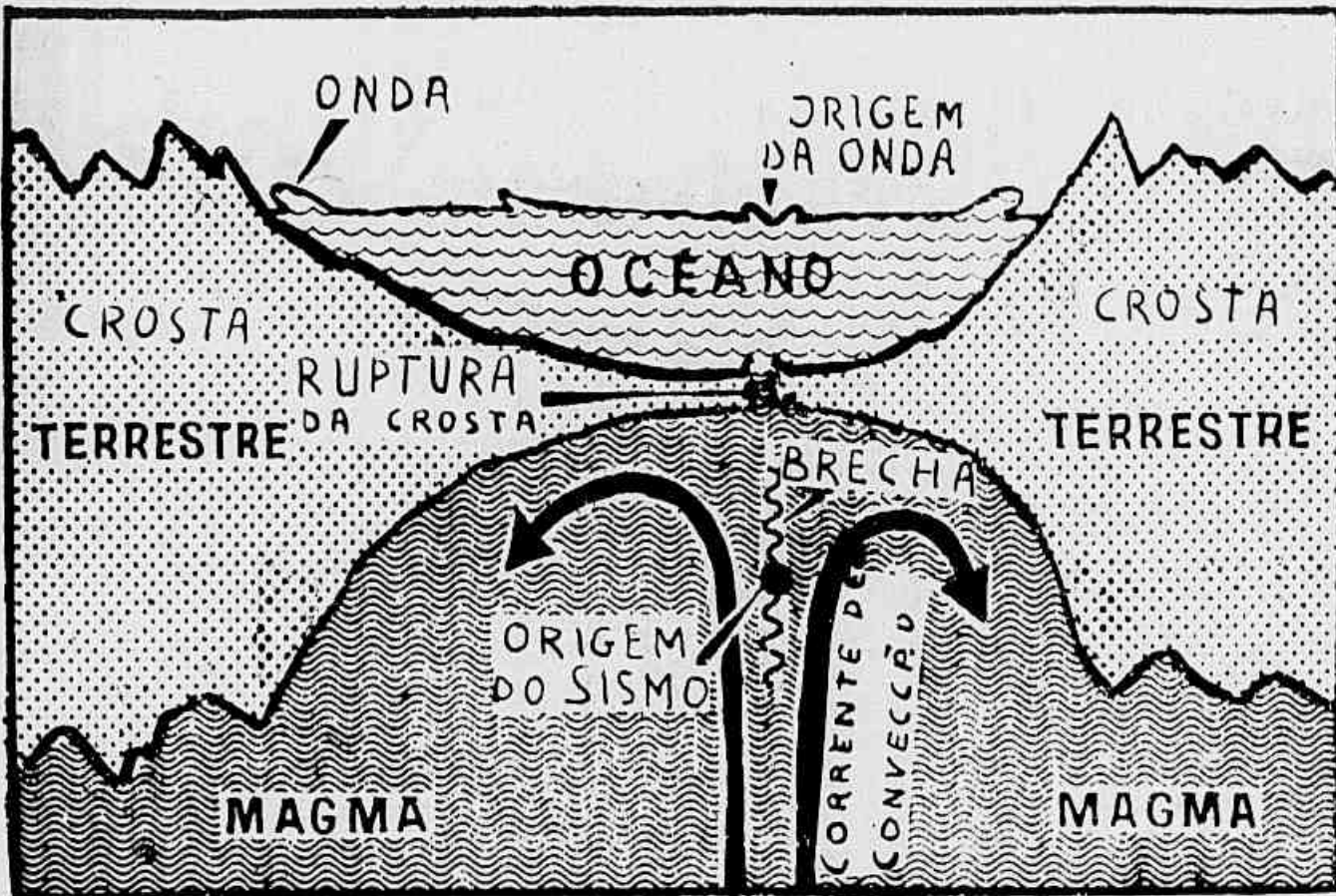
Trata-se de uma cifra, bem modesta, é verdade, mas que força há nesses bilhões de toneladas que empurram, arrastam e aspiram a crosta terrestre. São elas que a enrugam e que a rompem quando atinge o limite de sua elasticidade.

E torna a aquecer-se!

A hipótese da Terra que se enrugou como um fruto ao esfriar-se há muito foi abandonada por muitas razões, cuja principal é a de que a Terra, em vez de esfriar-se, se esquentaria. Supondo-se que nosso planeta tenha sido incandescente em sua origem, há muito tempo que o equilíbrio de temperatura teve que fazer-se entre sua massa e o ambiente. Trata-se, aliás, de uma época relativamente «recente»: há um milhão de anos, a época das grandes geleiras, em que nosso globo era mais frio que agora.

O reaquecimento bem poderia originar-se do fato de que a Terra é um grande reservatório de energia atômica, se se considera que apenas a radioatividade das rochas da crosta sólida deve bastar para compensar as perdas por dissipação no espaço. Deve, portanto, haver muita radioatividade armazenada no centro da Terra, fonte de calor que anima as correntes de convecção, e é também possível que ocorra às vezes bruscas liberações de energia assim aprisionada e concentrada.

Quem diz reaquecimento diz dilatação. A Terra «engordaria», portanto. Segundo certos cientistas, seu diâmetro teria, com efeito, aumentado de uns quinze centímetros em 10.000 anos. Aumentando o volume da massa fluida, é claro que a embalagem frágil da crosta cede e se rompe sob a pressão lenta mas irresistível!



Assim se explicaria, em conjunto com a isostasia, que a Terra seja fendida nos pontos de menor resistência, ao longo das grandes depressões — como acontece ao longo do Chile — e que tenha verdadeiramente o aspecto de uma bola que estoura.

Muitos outros elementos seriam, aliás, considerados. As montanhas se constituem, mas também se gastam por causa dos cursos d'água, das neves, dos ventos, o que se chama de erosão. Seu peso, portanto, diminui. Constantemente e de maneira insensível, perdem peso, que é levado para outros lugares. Há, sem cessar, modificação do equilíbrio, desequilíbrio e restabelecimento de um novo equilíbrio, o que se faz brutalmente.

O reaquecimento derrete os gelos e ninguém hoje duvida de que os calotas polares diminuem de tamanho. A carga sobre os pólos diminui enquanto que o gelo transformado em água aumenta a massa líquida do globo e o volume dos oceanos. Não há ainda cor que provocar o dilúvio que se prevê para dentro de 18.000 anos, mas, em todo caso, já dá para ajudar aos desequilíbrios que exigem, de vez em quando, um restabelecimento brutal da situação.

Outra consequência da isostasia: se vivemos numa jangada que navega sobre o magma, é claro que esse suporte fluido deve ser sensível às atrações da Lua e do Sol, como os mares, com marés menos espetaculares, evidentemente. O espantoso sólido da crosta obstaculiza a livre manifestação dessas marés. Chega o dia em que, tendo suportado pressões demoradas, é preciso ceder em algum ponto.

Tudo o que se sabe é que nada se sabe

Não se deve considerar tudo o que acabamos de escrever como a última palavra da ciência a respeito do assunto. A única certeza que se tem é que nada se sabe. Procura-se a verossimilhança por falar o verdadeiro. Para sabê-lo seria necessário penetrar no centro da Terra. Que ali imperem 6.000 ou 300.000 graus, pouco importa; em ambos os casos não há possibilidade de penetração. E, com as pressões que ali imperam, de, ao que se julga, um milhão e meio de quilos por centímetro quadrado, não se poderia enfiar um alfinete de aço.

Muitos desses fatores permitiriam explicar sismos e vulcões; os «tsunami» seriam explicados pela simples manifestação de uns ou outros. Porém, não seria o bastante. Ficariam pontos obscuros... Os sismos seriam fendas, rupturas, levantamentos da crosta, amontoados de blocos de crosta desequilibrados... Muito bem: é o que se concebe quanto aos sismos cuja origem está situada no interior da crosta, a alguns quilômetros, isto é, a algumas dezenas de quilômetros de profundidade. Mas... é o que se originam a 700 quilômetros

de profundidade, isto é, em pleno magma? Como se explica ser na massa fluida que haja ruptura, fenda?

Poder-se-ia pensar que os vulcões sejam simplesmente magma que sobe sob a pressão das correntes de convecção, ou então magma que se insinua pelas brechas produzidas no solo durante os abalos, nas zonas de menor resistência da crosta. É bem possível que assim aconteça com os vulcões submarinos que nascem repentinamente e formam uma ilha, ou então os dois vulcões nascidos terça-feira no Chile. Mas, se quanto aos primeiros não é difícil dizer de onde vem a água necessária à sua atividade explosiva, a explicação é mais difícil quanto aos segundos. Há uma explicação, que não passa de hipótese.

Essa água viria do próprio centro da Terra, do granito que, em brasa, libertaria por quilo cerca de 10 gramas de água, isto é, 45 litros de vapor.

Então, tudo se explica? De modo algum, porque se assim acontecesse — replicam os adversários desta hipótese — o volume dos oceanos teria duplicado há um bilhão de anos, o que não acontece...

É assim que as coisas se passam quanto aos mistérios subterrâneos. A solução satisfatória de um problema levaria imediatamente um problema novo. Vivemos num planeta em ebulição, em desequilíbrio perpétuo, que se rompe, se refaz, e não sabemos ainda por que e como.

NOVOS RUMOS

Novo Apêlo de Cuba

Chega em termos de urgência um apêlo de Cuba. É um cabograma de Vilma Espin de Castro, mulher de Raúl de Castro, às delegadas do I Congresso Latino-Americano de Mulheres, pedindo que atos de solidariedade dos povos da América Latina impeçam a intervenção norte-americana naquele país. É um apêlo angustioso das mulheres cubanas às mulheres brasileiras.

Nesses últimos dias foram descobertos em Cuba os cartazes que seriam utilizados nos prédios públicos, pelas tropas de ocupação. Os dizeres não deixam dúvida: «Este prédio está sob a proteção do governo dos Estados Unidos, etc., etc.» Não é por acaso que os participantes da OEA (Organização dos Estados Americanos) estão cortando relações diplomáticas com a República Dominicana. Se houver uma intervenção naquela República, também não será por acaso, pois servirá como «exemplo» para uma intervenção em Cuba.

Releio o cabograma de Vilma e relembro a participação ativa das mulheres no «Movimento 26 de Julho». Ouço os passos do batalhão feminino «Mariana Grajales» pelos caminhos difíceis e perigosos que conduzem à Sierra Maestra. Conto e vivo cinco meses de 17 a 25 anos. Em Guisa, durante dez dias, sofreram um terrível combato acompanhado de bombardeio aéreo, mas resistiram. A divisa do batalhão feminino era «Liberdade ou morte». Ouço a voz da atriz Violeta Cuatrecasas, que deixou de ser heroína nos palcos para unir-se aos rebeldes. Falava bem alto para que todos ouvissem da revolução, de seus homens e de seus feitos. O povo a chamava «a voz dos rebeldes». Ouço a longa informação de Vilma, perante as delegadas dos países latino-americanos. Uma informação para ser ouvida com lágrimas nos olhos, porque ali estava escrita a história de um povo que muito sofreu e muito lutou para alcançar uma vida melhor, e quando mal começa a vivê-la já o imperialismo a ameaça de morte. Em adiantado estado de gravidez, Vilma, que foi guerrilheira, presidiu a delegação de 80 mulheres de seu país no Congresso realizado no Chile. Já nasceu o seu menino. E ela terá razões ainda mais fortes para pedir a nossa solidariedade. Agora ela pede pelo seu filho, quando fala nas crianças cubanas, que poderão ser assassinadas, como foram assassinadas as crianças da Guatemala.

Não faz muito tempo as mulheres brasileiras responderam a um apêlo vindo de muito longe. Responderam, assim: «Os soldados nossos filhos não irão para a Coreia. Agora o apêlo é de muito perto. As distâncias encurtaram. O governo americano, pelo seu desespere, deixou de atender incêndios nos navios de Cuba, para mandar seus soldados arrancarem das mãos dos camponeses o pedaço de terra que a revolução lhes deu. Arrasar as centenas de casas que estão sendo construídas. Fechar as escolas que foram instaladas nas fazendas, onde Estelita mandava ensinar presos políticos, sob as bençãos ocidentais e cristãs do Departamento de Estado».

Penso que não será difícil às mulheres brasileiras entenderem e atenderem ao apêlo que lhes faz a mãe e guerrilheira Vilma Espin de Castro, e que se todas as mães, pelas crianças de Cuba,



Quando apontou corajosamente ao ministro da Fazenda, sr. Sebastião Pais de Almeida, um traidor da candidatura Lott no seio do Governo, a sra. Edna Lott estava identificando para todo o povo um servil dos monopólios norte-americanos, um entreguista. E precisamente por ser um entreguista é que o sr. Pais de Almeida tem se valido da posição que lhe foi entregue pelo sr. Kubitschek — apesar das denúncias então feitas pelas forças nacionalistas — para apoiar e inclusive financiar

com recursos do Estado a candidatura de Jânio Quadros.

Não é de hoje que o sr. Pais de Almeida está a serviço dos trustes norte-americanos, como não é de hoje que ele marcha ao lado de Jânio, como um de seus maiores financiadores. O atual ministro da Fazenda apoiou a candidatura de Jânio para o Governo de São Paulo, interveio abertamente como presidente do Banco do Brasil a favor da eleição do sr. Carvalho Pinto e agora, para a sucessão presidencial, vem carreando

bilhões para o janiismo, através de escandalosos favores do Estado, como o que acaba de conceder aos Almeida Prado, ferrenhos cabos eleitorais de Jânio.

Pais de Almeida, como os demais agentes dos trustes ianques em nosso país, está perfeitamente identificado com a candidatura Jânio. Por quê? É simples: o amigo de Rockefeller e afilhado do embaixador Cabot se chegasse ao Poder transformaria afinal o Brasil numa espécie de paraíso para os magnatas norte-americanos.

Enquanto dá Bilhões a Jânio

Paes de Almeida Sabota a Petrobrás

Testa-de-Ferro da «Pittsburgh Glass»

Já ministro, o sr. Pais de Almeida fez o possível e o impossível, no ano passado, para impedir que se constituísse e entrasse em funcionamento uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a ação do truste do vidro plano em nosso país, exercido através da «Pittsburgh Glass» e da «Corning Glass». Muita coisa seria revelada no inquérito, mostrando os efeitos altamente perniciosos do truste contra a economia nacional, bem como o papel que cabe nesse truste ao sr. Pais de Almeida, o principal testa-de-ferro da «Pittsburgh Glass». Contando com o apoio do sr. Kubitschek e de uma maioria servil no Parlamento, o inquérito não se realizou. É interessante lembrar, de passagem, que ao comentar o malogro da iniciativa o «Correio da Manhã» disse uma mentira e uma verdade: os deputados nacionalistas exigiam o inquérito porque o Ministro da Fazenda era janiista. Se o motivo verdadeiro não era este, ficava confessado entretanto o janiismo de Pais de Almeida.

A indústria e o comércio do vidro em nosso país — desde o vidro plano e a fabricação de garrafas até a ela-

boração dos demais artefatos de vidro — estão sob o domínio absoluto de uma empresa que aparece com a enganadora denominação de «Indústrias Reunidas Vidrobrás Ltda.». Por trás do ardit de um nome nacional esconde-se, porém, uma hedionda associação de duas poderosas empresas imperialistas — a «Pittsburgh Plate Glass» e a «Corning Glass Works» — com um grupo de traidores brasileiros encabeçados precisamente pelo sr. Sebastião Pais de Almeida, que dispõe de 25 por cento das ações. O surgimento do truste data de 1942, graças à ação desenvolvida junto a políticos influentes, como denunciou há poucos dias à imprensa («Correio da Manhã», 3 de abril de 1960) o sr. Victor d'Araújo Martins, presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Vidro Plano e da Federação do Comércio Atacadista do Rio de Janeiro. Sob a égide da Vidrobrás participam no truste as seguintes empresas: Vidros Corning, Pittsburgh, Sta. Marina, CVB, Vidrasil, Mercantil de Vidros, Covibra, além da própria Vidrobrás, com um capital que era, em 1959, superior a 1 bilhão de cruzeiros.

Sob o controle do truste estão as

fábricas de São Gonçalo, de São Vicente e de São Paulo cobendo-lhe, portanto, toda a produção de vidro plano elaborada no país.

A ação do truste, como dissemos, estende-se também à distribuição, ao comércio do vidro. Isso se faz através da Companhia Comercial de Vidros do Brasil (CVB), que conta presentemente com 33 firmas distribuidoras, que dividem entre si o mercado, impondo preços de monopólio e eliminando por completo o pequeno comércio de vidros. É um caso de «concorrência desleal», com prejuízos incalculáveis para o comércio e o país, como afirmou em sua mencionada entrevista o sr. Araújo Martins.

Testa-de-ferro do truste «Pittsburgh-Corning», o sr. Pais de Almeida, em troca dos bilhões que lhe entregam os patrões norte-americanos, presta-se ao papel de estrangulador da indústria nacional de vidros (recentemente, foram eliminadas a «Cristaleira Americana» e a «Vidro Nacional S. A.»), utilizando-se da sua condição de ministro da Fazenda para lesar a economia nacional e sustentar políticos entreguistas como Jânio Quadros.

Favorável à Entrega do Minério de Ferro

O entreguismo do sr. Pais de Almeida não se limita aos serviços que presta ao truste norte-americano do vidro plano. Agora mesmo o ministro da Fazenda aparece como advogado de um outro monopólio norte-americano — a «Hanna Co.», que procura transferir para o seu absoluto domínio a produção e exportação do nosso minério de ferro, o que levaria inclusive a liquidação da empresa nacional «Companhia Vale do Rio Doce».

Como se sabe, a «Hanna» comprou à «St. John d'El Rey Mining Co. Ltd.» as minas de ouro de Morro Velho — simples expediente de que se valeram os ianques para explorar uma vasta área do Quadrilátero Ferrífero e apropriar-se por completo do minério de ferro brasileiro. Alegando artificialmente prejuízos na exploração do ouro, a «Hanna» pretende mudar o seu ramo

de atividades — do ouro para o ferro. Suas pretensões foram encaminhadas pelo sr. Pais de Almeida a um Grupo de Trabalho escolhido a dedo: Mário da Silva Pinto, da CACEX, e Avelino Inácio de Oliveira entreguistas conhecidos. Pois bem: vinte dias antes de o auditor incumbido de examinar os livros da «St. John d'El Rey Mining» dar o seu parecer sobre se procediam as alegações do truste ianque, o Grupo do sr. Pais de Almeida apressou-se a dar opinião favorável à «Hanna», concluindo que lhe devia ser entregue o ferro de Minas Gerais a título de «compensação». E o mais grave é que as conclusões do Grupo de Trabalho entreguista colidem frontalmente com o parecer do técnico que procedeu ao exame dos livros da «St. John». Mas o truste exigiu do sr. Pais de Almeida a concessão, e ele não teve dúvidas em atendê-lo. Para isso exatamente é

que ele se acha à frente do Ministério da Fazenda.

O testa-de-ferro da «Pittsburgh Glass» serve ainda aos seus amigos da «Hanna» apoiando ativamente a assessoria técnica contratada pelo truste e constituída pela fina flor do entreguismo caboclo: Roberto Campos, Lucas Lopes e Mário da Silva Pinto, que procuram impor uma fórmula pela qual se «associaram» à «Hanna» e à «Vale do Rio Doce», com a liquidação inevitável, que eles tanto desejam, da empresa nacional. Pais de Almeida vem dando toda cobertura a essa comissão de traidores da pátria, conspirando juntamente com eles para a entrega de nosso riquíssimo minério de ferro aos tubarões do imperialismo ianque.

Este é mais um fato que demonstra não poder surpreender a ninguém o apoio de Sebastião de Almeida à candidatura entreguista de Jânio Quadros.



Mulher sempre tem razão

E os fatos vieram provar. As denúncias feitas pela filha do Marechal Lott, contra o atual ministro da Fazenda, estão sendo apontadas por personalidades dos mais diferentes partidos. Ele é mesmo entreguista e ajuda o Jânio.

Edna Lott Reafirma: Sebastião é Traidor

A denúncia da sra. Edna Lott levou a pânico aos setores entreguistas. Os amigos e serviais dos trustes, tanto do Governo como da oposição, saíram em defesa do sr. Pais de Almeida. Uniram-se então «O Globo» e Carlos Lacerda, agredindo com os mais lúbricos palavrões a denunciante e o marechal Lott.

A sra. Edna Lott, com o apoio de todos os verdadeiros patriotas, não se deixou, porém, intimidar. Falando à

Imprensa, reafirmou a sua denúncia e comentando a anunciada viagem do sr. Pais de Almeida aos Estados Unidos acrescentou: «Lá ele se sentirá entre os seus...»

O afastamento do entreguista Pais de Almeida do Ministério da Fazenda é uma exigência que há muito tempo vem sendo feita pelas forças nacionalistas. E agora, quando fica provada

a sua posição ao lado de Jânio, no mesmo instante em que os partidos nacionalistas parecem ter começado a quebrar o apatia que há tanto se prolongava, é chegado o momento de ser esse entreguista expulso do Ministério da Fazenda, por ele transformado, num verdadeiro desafio ao povo brasileiro, em bastião da campanha eleitoral de Jânio — o candidato de Rockefeller e do embaixador Cabot.

Movimento Nacionalista Fornecerá as Provas

O Movimento Nacionalista Lott-Jango, em nota distribuída à imprensa, reafirmou as declarações feitas pela sra. Edna Lott a propósito do entreguista Pais de Almeida e ressaltou que a atual política econômico-financeira serve unicamente aos inimigos da emancipação econômica do Brasil.

do nosso povo, seguida pelo titular da Fazenda, e os benefícios com que atende, coerentemente, as forças que se opõem à candidatura nacionalista, continuará a ser combatida tenazmente pelo Movimento Nacionalista, que dela fornecerá documentação adequada e abundante ao povo, diz a nota do Movimento.

Bento Gonçalves, Ulisses de Carvalho, Sérgio Magalhães, Djalma Maranhão, Hélio Ramos, Artur Virgílio, Jacob Frantz, Celso Brandt, Temperanti Pereira, Neiva Moreira e Fernando Santanna e os srs. José Fontes Romero, Raimundo Eirado, Vicente Cisneiros, Nelson de Sousa Alves, Maurício Caminha de Lacerda, Hélio Pires Ferreira, Artur Veiga, Edna Lott e Hércules Correia.

A política de espoliação dos recursos nacionais e de empobrecimento

A nota é assinada pelos deputados

Dá Recursos a Jânio Mas Nega à Petrobrás

Pais de Almeida sabota a Petrobrás! A denúncia feita na última semana, na Câmara dos Deputados, pelo sr. Ferro Costa, não é nenhuma novidade. É um protesto que vinha sendo feito já desde o ano passado pela imprensa nacionalista e, na Câmara Federal, pelo deputado Gabriel Passos.

No dia 28 de julho de 1959 o deputado mineiro encaminhou à mesa da Câmara um requerimento dirigido ao ministro da Fazenda, que já era então o sr. Pais de Almeida, perguntando quais as razões que o levaram a reter as quotas devidas à Petrobrás. E argumentava o sr. Gabriel Passos: meu objetivo era evitar que ocorresse com a Petrobrás o mesmo que se verificou em relação aos Institutos de Previdência,

pois «grande parte das dificuldades dessas entidades resultam da retenção, pelo Governo Federal, da terceira cota-parte devida pela União».

O protesto feito agora pelo sr. Ferro Costa reacende, portanto, com toda justiça, as críticas que vêm sendo feitas ao entreguista Pais de Almeida desde os primeiros dias de sua gestão no Ministério da Fazenda. Vale a pena salientar que o sr. Ferro Costa fez a sua denúncia baseado em documentos do próprio presidente da Petrobrás, coronel Idalio Sardemberg, que em carta dirigida ao ministro Pais de Almeida reclama ser a empresa estatal credora do Governo da importância de 2 bilhões, 495 milhões de cruzeiros, declarando: «A execução do plano de ati-

vidades da PETROBRAS enfrenta, porém, agora, sério risco de ficar grandemente afetado, com incalculáveis prejuízos para o país, em virtude de não haverem dado entrada em caixa, no segundo trimestre de 1959 e no primeiro mês do ano em curso, vultosas importâncias, dentre as quais encontram-se parcelas importantes de responsabilidade do Ministério da Fazenda».

Estrangular a Petrobrás, negando-lhe recursos e dificultando a sua ação — este é um método dos trustes ianques, há muito usado pela «Standard Oil», quando não consegue atacar de frente. Pais de Almeida, como Jânio Quadros, é também um servil de Nelson Rockefeller, um inimigo da Petrobrás.



A imagem de Verônica, flôres na mão, espera de Boris quando a guerra termina, acompanha o espectador, prolongando os amores acumulados durante a exibição do filme.

Os noivos costumavam encontrar-se pela madrugada, ambiente lírico onde constroem seus sonhos matrimoniais, esperança de uma vida tranqüila num mundo de trabalho e paz.

A violência nazista interrompe bruscamente as fantasias dos jovens, e Boris alista-se como voluntário no Exército Vermelho, partindo para o campo de batalha.

Nas peripécias do combate, uma bala atinge o soldado Boris. No meio do bosque, em delírio, o moribundo vê o término da guerra, entra na casa de Verônica, que o recebe em encantador vestido de noiva, prepara-se o casamento... as imagens começam a confundir-se, as betulas, em ciranda louca, erguem-se e levam para o infinito toda a vida que aguardava o jovem.

Na Sibéria, onde também participa do esforço em que está empenhado o país, Verônica tem seu pensamento voltado para o longínquo lugar onde supõe estar o noivo. No hospital, enfermeira, tem uma vida atribulada, cuidando dos feridos e buscando repelir a idéia de viver com Mark, primo de Boris que a seduzira.

No Dia da Vitória, Verônica vai à estação receber os heróis que regressam. Encontra um companheiro de Boris, Stepan, cujos olhos transmitem à jovem a tragédia, enquanto em volta rostos alegres transmitem a felicidade dos que se reencontram.

As flôres são repartidas entre os veteranos que escaparam. As flôres colhidas por Verônica para Boris.

As cegonhas, tal como no princípio do filme, sobrevoam a cidade. Trazem a esperança de uma vida nova que começa. A mãe, de entre as lágrimas, esboça um débil sorriso, o sorriso da vida a refazer.



Tatiana veio com as cegonhas

A morena russa de olhos rasgados chegou a Cannes desconhecida. Depois, a sala de espetáculos, o filme, a consagração. A jovem tímida transformou-se no gene de Festival. Louvando-lhe todos, unanimemente, as qualidades de grande atriz e beleza da mulher. As cegonhas trouxeram Tatiana para as platéias de mundo.

As Cegonhas Trazem Esperança



Uma história de esperança

Um jovem diretor reuniu jovens atores e procurou uma história de amor e de esperança. As luzes, a câmera, e «Quando voam as cegonhas» se transformou numa das mais belas realizações do cinema. Tatiana Samoilova, Alexei Batalov, A. Shvorin e o diretor M. Kalatósov ganharam fama universal recebendo a «Palma de Ouro» no Festival de Cannes.

NOVOS RUMOS